



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA.
FACULDADE DE ITAITUBA- FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

SONAYRA DE PAULA E SILVA FERREIRA

**DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO: Análise de uma escola do
Município de Itaituba/PA**

ITAITUBA- PA
2019

SONAYRA DE PAULA E SILVA FERREIRA

**DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO: Análise de uma escola do
Município de Itaituba/PA**

Monografia de Graduação do Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia
apresentado à Faculdade de Itaituba – FAI,
para obtenção do título de Licenciada Plena
em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Mestra Raquel Peres
Rocha.

ITAITUBA- PA
2019

FERREIRA, Sonayra de Paula e Silva.

DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO: análise de uma escola do município de Itaituba/PA/ Sonayra de Paula e Silva Ferreira. Itaituba: FAI, 2019.

70 págs.

Orientadora: Raquel Peres Rocha

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba – FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR- PA, 2019.

1. Educação no Campo. 2. Aprendizagem. I.ROCHA, Raquel Peres. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2019.

SONAYRA DE PAULA E SILVA FERREIRA

**DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO: Análise de uma escola do
Município de Itaituba/PA**

Monografia de Graduação do Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia
apresentado à Faculdade de Itaituba –
FAI, para obtenção do título de Licenciada
Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Mestra em História
Raquel Peres Rocha

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a. Raquel Peres Rocha, Ma.

Avaliador 01: _____ Nota: _____
Prof. Francisco Cláudio de Souza Silva, Dr.

Avaliador 02: _____ Nota: _____
Prof.^a. Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, _____ de Março 2019.

*Aos meus avós paternos e à minha mãe,
por terem me criado no caminho da
retidão, me encorajado, me apoiado e
me amado a vida toda.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pois nada acontece se não for de sua vontade;

À minha família, meus pais Paulo Filho Ferreira, Deolinda do Socorro Lima e Silva, meus irmãos Paulo Roberto Silva Ferreira, Sara Gabriela Lima e Silva, que independente de qualquer situação, sempre estiveram e estarão ao meu lado;

Aos meus amigos de turma e da vida, a minha grande amiga Rosangela Peres Rocha que sempre esteve ao meu lado nesses quatro anos, ao meu namorado Raimundo Rodrigues pelo apoio e em especial, a minha mãe Deolinda do Socorro Lima e Silva, pelo incentivo, distração, ajuda e principalmente pelo amor que têm por mim;

Aos meus professores em especial ao Professor Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva e professora Lúcia pelos conhecimentos nos repassado ao longo dos quatro anos de curso;

A minha orientadora Mestra Raquel Peres Rocha;

À Faculdade de Itaituba por me conceder a honra de estudar nessa instituição.

Se a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente Trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objetivo identificar os principais desafios da escola do campo, na concepção de professores do 4º ano, do ensino fundamental onde foi realizada uma pesquisa de campo para melhor entendimento na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Iêda Maria Gomes Barbalho, no município de Itaituba – PA. Como procedimento metodológico, inicialmente foi elaborado uma pesquisa bibliográfica, referente ao assunto escola do campo, tendo como base alguns autores que abordam a temática escola do campo, quanto a problemática levantada na referente pesquisa. As questões que direcionam o referido trabalho consistem em: Por que ocorre uma diferenciação entre os conteúdos trabalhados na zona rural e na zona urbana na rede de ensino municipal de Itaituba/Pa? Quais fatores contribuem no processo de ensino e aprendizagem da educação no campo? Como ocorre o processo ensino aprendizagem na Escola Municipal Iêda Maria Gomes Barbalho, localizada no Distrito de Crepurizão em Itaituba - PA? A seguir, a pesquisa de campo de cunho qualitativo, no período de dezembro de 2018, desenvolvida através de questionários individuais a quatro professores da referida escola. Ocorreu a coleta e análise de dados, os resultados com as discussões e respectivos comentários; onde foi necessário a sugestão de propostas contribuintes para o melhor desenvolvimento da aprendizagem e especialmente do conhecimento do sujeito, que estuda no campo. A conclusão veio colaborar que as maiores dificuldades encontradas no aprendizado da escola do campo é a falta de recursos didáticos que fossem voltados para realidade desses alunos que vivem no campo, a falta de materiais escolares, a falta de acesso a internet constituindo assim, algumas preocupações dos professores que precisam de apoio para melhor exercer o seu trabalho.

Palavras-chave: Aprendizagem, Escola, Alunos. Professor.

ABSTRACT

The conclusion of the course (TCC) aims to identify the main challenges of the rural school in the Elementary School. Professor Iêda Maria Gomes Barbalho, in the municipality of Itaituba-PA. As the methodological method was used, it was initially a bibliographical research, referring to the subject field school, based on some authors that approach the field school subject, as a problematic raised in the database. What is the difference between the indices in the rural area and in the urban area of the Itaituba / Pa municipal school system? What are your contributions to the teaching and learning of education in the field? How does teaching at the Municipal School Iêda Maria Gomes Barbalho, located in the District of Crepurizão in Itaituba-PA? Next, a qualitative field research, in the period of December 2018, with the help of individual questionnaires to four teachers of the school. Data were collected and analyzed with the results of discussions and comments; from where it was necessary a suggestion of contributions for the best development of learning and especially for the knowledge of the subject, who studies in the field. The lack of studies has contributed to the fact that most of the didactic programs that practice the lack of school didactic resources, the lack of access to the internet constitute, therefore, some worries of the teachers who need help to better carry out their work.

Keywords: Learning, School, Students. Teacher.

LISTA DE SIGLAS

EJA- Educação de Jovens e Adultos.

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

FUNDEF – Fundo de Desenvolvimento e Manutenção do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística.

MEC- Ministério de Educação e Cultura

MST- Movimentos Sociais dos Sem Terras.

PRONACAMPO- Programa Nacional de Educação do Campo.

PRONERA- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Para você, quais são os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem na EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho?.....	56
QUADRO 02	Em relação a organização do conteúdo ministrado, quais são os desafios enfrentados em sala de aula?	57
QUADRO 03	Em relação a escola do campo e da zona urbana, os desafios sobre a aplicabilidade dos conteúdos são os mesmos?	58
QUADRO 04	Quais os desafios enfrentados em relação a diversidade encontrada na educação rural e como modelo educacional rural contribuem para aprendizagem dos alunos?	59
QUADRO 05	Por que ocorre uma diferenciação entre os conteúdos trabalhados na zona rural e na zona urbana na rede de ensino municipal de Itaituba/PA?	60
QUADRO 06	Quais fatores contribuem no processo de ensino e aprendizagem da educação no campo?	60
QUADRO 07	Como ocorre o processo ensino aprendizagem na Escola Municipal Iêda Maria Gomes Barbalho, localizada no Distrito de Crepurizão em Itaituba – PA?	61

LISTAS DE FIGURAS OU ILUSTRAÇÕES

FOTO 01	O homem do Campo trabalhando em terras agrícolas.....	17
FOTO 02	Ensino Mútuo (Método Lankaster), sala de aula 1811	26
FOTO 03	Jesuítas catequizando os indígenas no Brasil colônia.....	28
FOTO 04	Mapa de Itaituba-pa.....	50
FOTO 05	Currutela e a pista do garimpo Crepurizão	52
FOTO 06	EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1- ABORDAGEM HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO RURAL BRASILEIRA	16
1.1 AS ORIGENS HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL	16
1.2 EDUCAÇÃO NO CAMPO NO BRASIL COLÔNIA	20
1.3 CONTEXTO EDUCACIONAL RURAL DURANTE A MONARQUIA	23
1.4 PRINCIPAIS MUDANÇAS DA EDUCAÇÃO NO CAMPO DO PERÍODO REPUBLICANO	28
2 POLÍTICAS EDUCACIONAIS E PERFIS DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO NO CAMPO	33
2.1 POLÍTICAS EDUCACIONAIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	33
2.2 EDUCAÇÃO: DIREITO DE TODOS	36
2.3 ESCOLA DO CAMPO: REALIDADE DA EDUCAÇÃO RURAL	40
2.4 PERFIL DO ALUNO DO CAMPO	47
3 DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO: ANÁLISE DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ITAITUBA	50
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA	50
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	55
3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	55
3.5 PROPOSTAS DE INTERVENIÊNCIAS	62
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES	67

INTRODUÇÃO

A presente monografia visa analisar e refletir sobre os desafios e as dificuldades enfrentadas pelos professores em sua prática docente condizente à questão do ensino e aprendizado do campo do 4º ano do Ensino Fundamental. Propõe uma reflexão e uma visão dos professores em relação as suas vivências e experiências em relação a essas dificuldades.

Tendo como objetivos verificar os desafios do processo ensino aprendizagem na escola; Identificar os principais desafios dos docentes; Apontar os desafios vivenciados pelos professores docentes com relação aos conteúdos trabalhados na escola do campo; Compreender a diversidade que existe na educação rural e como a mesma contribui no processo de ensino e aprendizagem dos alunos que vivem no campo.

Portanto, que os desafios dos professores em trabalhar o ensino e aprendizado são cada vez maiores, quando esses desafios vêm aumentando cada vez mais nas escolas do campo, exigindo do professor muito esforço e boa vontade; pois, muitas vezes, há o abandono diante de tanta precariedade, falta de recursos financeiros e desvalorização do profissional que trabalha no campo.

O professor busca ensinar com suas habilidades adquiridas durante sua formação, mesmo com os poucos recursos que possuem tentam repassar o seu conhecimento, mesmo que na escola não tenha os meios e os materiais necessários adequados para serem usados com os alunos, buscando despertar o interesse deles no aprendizado através de seus métodos de ensino, fazendo com que aprendam e compreendam o ler e o escrever, além de interpretar.

A dificuldade do ensino e do aprendizado no campo ocorreu ao longo dos movimentos sociais, que acarretou prejuízos na escolarização e no desenvolvimento do ensino. Sendo que a escola do campo sempre foi de difícil acesso, com a falta de professores, de recursos materiais, de âmbito escolar mais espaçoso, de meios de transporte para levar os alunos à escola.

Para facilitar o desenvolvimento do presente trabalho, como, desenvolveu-se algumas problemáticas que servirão como: Por que ocorre uma diferenciação entre os conteúdos trabalhados na zona rural e na zona urbana na rede de ensino municipal de Itaituba/Pará? Quais fatores contribuem no processo de ensino e aprendizagem da

educação no campo? Como ocorre o processo ensino aprendizagem na escola, cujas problemáticas tem como ponto de partida os desafios enfrentados na educação no Campo? É importante enfatizar que a escola é a instituição fundamental, que deve proporcionar conforto e lazer para que o aprendizado flua da melhor maneira e para que seja adquirido em sua totalidade.

E sequencialmente foi utilizada a pesquisa de campo de caráter qualitativo, para ser realizada a coleta e análise dos dados levantados durante as investigações de na comunidade Crepurizão; que muitas vezes não têm disponibilizados os recursos das escolas da zona urbana, dificultando a realização de uma boa aula, de um bom rendimento no aprendizado, aulas bem trabalhadas que fazem toda diferença em instigar e despertar o interesse dos alunos.

A pesquisa de campo foi desenvolvida no período de dezembro do ano de 2018, na Escola Municipal Iêda Maria Gomes Barbalho. O foco participante dos professores em estudo para finalização da pesquisa foram quatro professores do 4º do ensino fundamental que contribuíram de forma positiva o referido estudo.

O trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro fez uma abordagem Sobre as origens históricas da educação no campo, no Brasil; A Educação no Campo no Brasil Colônia; O contexto educacional rural durante a monarquia; Principais mudanças da educação no campo do período republicano e os Princípios da Educação no campo

O segundo capítulo, ressaltou o perfil educacional dos alunos da educação no campo, como também será elencado algumas Políticas Educacionais da Educação do Campo no Brasil; como também a diversidade da educação rural, com um estudo de caso; e o perfil do aluno do campo.

O terceiro capítulo trouxe o resultado da investigação, com a caracterização da escola, os procedimentos metodológicos, perfis dos entrevistados, o resultado do estudo e as propostas de interveniências, como também apresenta a conclusão e as referências bibliográficas utilizadas para o embasamento teórico.

1- ABORDAGEM HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO RURAL BRASILEIRA

1.1 AS ORIGENS HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

A Educação do Campo tem sido um tema de busca de soluções para combater as desigualdades do cotidiano escolar, essa educação do campo tem contribuído para o desenvolvimento das comunidades rurais e a resolução dos problemas da educação e da sustentabilidade do homem do campo (SOUZA, 2006).

Durante aos movimentos e lutas sociais surgiu à educação do campo, que nascera devido aos pensamentos, desejos e interesses das pessoas que vivem no campo, que sempre lutaram, buscando seu espaço, seu território, construindo-se, com sua comunidade, politicamente, com sua forma de idealizar suas realidades.

A Educação do Campo nasceu dos pensamentos, desejos e interesses do sujeito do campo, que nas últimas décadas intensificaram suas lutas, especializando-se e terrorizando-se formando territórios concretos e imateriais, constituindo comunidades e políticas determinando seus destinos na construção de ideologias, suas visões de mundo (SOUZA, 2006, p.16)

Segundo Souza (2006), a Educação do Campo é um grande desafio, pois o campesinato não se conforma de ter que pensar em sua própria educação, por isso é bem difícil o seu aprendizado, para eles como sem-terra não há a necessidade de saberem ler ou de escrever isto os deixam bem longe de sua liberdade de expressão à política de educação. Porém, o ponto de vista dos camponeses vem mudando constantemente, estão construindo suas políticas educacionais, buscando estudo como direcionador de seus ideais, se libertando, rompendo fronteiras, adquirindo conhecimento e ocupando melhor seu espaço.

Os camponeses produzem seu próprio alimento, mas necessitam do estudo para se qualificarem no que fazem, contribuindo assim com o desenvolvimento de sua comunidade e do seu país. Têm suas peculiaridades, sua cultura e sua maneira de pensar e agir.

Conforme o autor supracitado compreender a Educação do Campo, e os aspectos da prática pedagógica é resgatar as características da trajetória de vida de quem vive no campo, entendendo sua maneira de viver, de pensar e de agir.

Esse é um movimento social dos sem terras que criaram essa organização em prol de reivindicar escolarização nas várias modalidades para os trabalhadores

assentados e acampados, através de suas ações dos movimentos sociais, destacou seus aspectos da identidade e da cultura. Nos tempos de hoje as propostas educacionais dos movimentos sociais, valorizam o trabalhador do campo, que vivem na terra, trabalham e produzem e tiram seu sustento, sua atividade agrícola era conduzida conforme os interesses do mercado internacional (SOUZA, 2006).



Foto 01: Fonte: O homem do campo trabalhando em terras agrícolas.

Fonte: <http://www.folhadosudoeste.jor.br/em-goias-aumento-do-itbi-vai-sacrificar-o-homem-do-campo-2/> Acesso em 20/11/2018.

Para o autor mencionado acima no movimento social, há uma emergência de demandas sociais, ainda mais em relação aos direitos sociais (saúde, educação, habitação), nesse espaço rural, as preocupações educacionais na cidade vai acolher pessoas, que vêm do campo com um estudo tão fraco, na cidade se exige um estudo mais avançado, as grandes empresas cobram sendo necessário que o trabalhador mesmo adquira mais conhecimento, para que assim possa inserir no processo produtivo industrial.

Os movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terras (MST), fazem com que o estado, ofereça a educação pública e o que os profissionais sejam formados para atuar nas escolas do campo. (SOUZA, 2006).

O autor referido anteriormente menciona que atualmente, as secretarias Municipais e Estaduais de Educação, organizam eventos e seminários que objetiva discussão, construção de políticas para serem adotadas na educação no campo. Estas secretarias apoiam a formação continuada de professores, pois precisam se atualizar, acompanhar as tecnologias. É através de projetos educativos que a reforma agrária está se desenvolvendo em nosso país.

Conforme Arroyo (2011), o cotidiano da vida na pequena propriedade é lembrado ao observar as condições existenciais no assentamento (moradia, alimentação e trabalho) nas conversas com essas pessoas do campo, devido a permanência deles, e o seu modo de vida é sociabilidade o caracterizam como camponês. Este camponês, vive em constante luta, buscando o seu território, levantando movimentos sociais, lutando pelos seus direitos, fazendo manifestações e abaixo-assinados, nas influências da política partidária, se acampando.

Assim, “A luta social educa para a capacidade de pressionar as circunstâncias, para que fiquem diferentes do que são. É a experiência de que quem conquista algo com luta não precisa ficar a vida toda agradecendo favor”. (ARROYO, 2011, p.99). De acordo com o autor, o MST traz consigo uma trajetória de luta pela educação que vai ganhando força, conforme a criação de escolas nos assentamentos, nos acampamentos, nos quais estão alojados, vêm a contribuir com uma educação de princípios e valores dentro da comunidade do campo no qual estão inseridos, fazendo parte de uma sociedade, movimento este que passou a entender que era preciso elaborar concepções, conceitos, construir seus princípios pedagógicos e filosóficos.

A população do campo possui um alto índice de analfabetismo e baixo nível de escolarização da população, jovem e adulta, talvez devido ao movimento de mudanças constante de lugar, fica difícil o acesso à escola, pode ser pela pobreza, ou então ao trabalho do campo, ou outra situação (ARROYO, 2011).

Nesse processo de construção enquanto sujeito pedagógico, compreendeu-se que era preciso derrubar muitas cercas. E dentre elas, a cerca denominada “latifúndio de saber”. Nessa compreensão, o movimento passou a analisar que não bastava elaborar um currículo que atendesse a todas as demandas escolares, pois se tratava de um movimento que se nortearia pelos mesmos princípios, mas com realidades diferentes. (ROCHA apud MARTINS, 2011, p.58)

Mediante o autor citado acima, a história do MST, constitui-se de princípios que educam, formam, instruí o povo do campo para ser um povo mais reflexivo, de opiniões a valorizarem suas vidas, suas origens, seus deveres e seus direitos, suas culturas. E o povo ao ter o processo educativo, fica mais informado dos acontecimentos e aprendem a viver em um mundo capitalista, pois assim o povo conquista seu lugar na sociedade.

No campo o índice de analfabetos é muito grande, principalmente de jovens e adultos, triste essa realidade, e os professores são prejudicados por terem que

trabalhar com tanta falta de recursos, mesmo ele se preparando e tendo desde que o magistério a ensino superior sua profissão fica desvalorizada. É preciso que haja valorização destes profissionais, que suas experiências sejam reconhecidas, mostrando ao professor que sua atuação é precisa e necessária na educação do povo, mas deve-se melhorar a qualidade do ensino em nosso país, o governo investe pouco na educação, favorecendo com uma educação tão fraca (ROCHA apud MARTINS, 2011).

De acordo Hage (2015) , a realidade educacional brasileira , tem os maiores índices de analfabetismo , principalmente as escolas, estão mal conservadas, não existem cadeiras adequadas para o conforto dos alunos, falta merenda, falta recursos materiais, situação de precariedade, altas taxas de Exclusão Escolar, a maior parte dos professores não possuem formação, são pouco remunerados proporcionando assim um ensino que deixa a desejar, escolas sem currículos e número insuficientes de alunos são fechadas pois o governo desaprova.

Para Hage (2015), no Pará a população acima de quinze anos (1.526.230), 11,7% é analfabeta. Sendo que no meio urbano analfabetismo é de 8%, enquanto que no meio rural é de 20,6% que corresponde a um número bem maior isto se soma com a realidade de cada indivíduo, idade ou ao nível de escolaridade, pois onde a educação quando explorada e trabalhada o nível de aprendizado absorve-se de forma positiva.

A qualidade de ensino do campo no Pará é lenta, pobre, inferior, o governo teria que auxiliar, investir, oferecer oportunidades ao povo que precisa ser alfabetizado, e não contribuir com uma educação tardia e desvalorizada, parada no tempo, sem progredir. [...] (HAGE, 2015).

Contudo, ainda que reconheçamos os avanços obtidos com protagonismo dos movimentos sociais em nível nacional e estadual , um dos grandes desafios que se apresenta ao movimento paraense e de educação do campo , continua sendo uma incidência mais efetiva nas redes públicas de ensino, pois estamos ainda distantes de assegurar Universalização da Educação Básica aos sujeitos do campo , em como de superar o quadro de acentuada desigualdade , marcado por uma situação ainda precária em relação à permanência e a dos estudantes do campo. (HAGE, apud WARREN ,2006 p.5)

Vive-se uma educação do campo paraense bem distante da que se almeja de maneira que esta educação do campo faz parte das redes públicas de ensino, por isso a desigualdade é grande, há uma longa distância entre a demanda e a realidade

de atendimento à educação do campo impossibilitando de conseguir acompanhar as educações que estão mais desenvolvidas , pois os recursos chegam tardiamente dificultando o aprendizado do aluno do campo, que fica à mercê de uma educação precária, dificultosa, pobre de ensino, infelizmente esta ainda é a realidade do nosso país, que investi pouco na educação, contribuindo assim para um país subdesenvolvido (HAGE , 2015).

Portanto, a educação é o princípio na formação da cidadania, do ser humano em todo seu contexto, de suas ideias, de suas ações e caráter. É a mola mestra de toda engrenagem da vida, é a fonte que alimenta cada mente humana, que faz o intelecto mover- se e com isso toda a existência, sendo fundamental para a transformação.

1.2 EDUCAÇÃO NO CAMPO NO BRASIL COLÔNIA

A escola no campo brasileiro surgiu tardiamente no final do século XX , através de ações de movimentos de assentados, que não fazia parte da minoria privilegiada naquela época, como o Brasil é de origem agrária a educação no campo se quer foi citada na constituição de 1891 , cujo o movimento evidenciava o descaso dos dirigentes e as matrizes culturais que escravizavam os trabalhadores em relação as terras fundiárias, controladas do poder político que era o poder oligárquico e nos modelos de cultura, letrado do país europeu.

Entretanto, esse panorama acarretou condições de se desenvolver a educação escolar brasileira contribuindo com um quadro de precariedade, em escolas se nenhuma condição, poucos elementos disponíveis para o professor trabalhar, a infraestrutura inadequada e espaço físico inferior, ausência de professores com formação inicial e continuada, ao exercício em uma escola no campo e também um currículo que desconstitui a vida do povo no campo (SANTOS, 2008). Diante a questão.

Segundo Santos (2008, p.17), “Tais meios foram sistematicamente sonegados à população, desde os primórdios da história e persiste seu trágico legado até os dias de hoje. Basta observar os altos índices de analfabetismo e os baixos níveis de escolaridade registrados no campo brasileiro”.

Para Santos (2008), a História do Brasil é marcada por lutas e conflitos de terras agrárias, e por recursos naturais, que com o passar do tempo foi evidenciada com existência de dois projetos, que se alto disputava, um deles fazia parte das elites pessoas do poder oligárquico, que mais se interessavam no campo como um meio de produção de mercadorias e lugar de extração de riquezas naturais, assumindo assim o seu papel de capitalismo predominante e outro projeto era dos trabalhadores e trabalhadores rurais, os camponeses que ali no campo viviam e dali tiravam seu sustento e a sua sobrevivência.

Conforme menciona Santos (2008), por muitos anos os camponeses lutaram pela sua terra, buscando uma vida mais justa de igualdade e de sustentabilidade, que suas terras não fossem usadas apenas por interesses de um capitalista vigente, mas sim de terras produtivas e trabalhadores camponeses que conquistam seu espaço e lutam pelos seus direitos.

Os assentamentos de reforma agrária, como as políticas, quando se desenvolveram em sua produção, deveriam garantir o seu alimento e ganhar a sua renda mensal, renda sazonal, alcançando outros lugares com sua produtividade assim predominando em sua área de terras produtivas. Residem grandes desafios no âmbito da cultura e educação no campo, quando se refere a formação de sujeitos e de seus direitos, como de ter acesso ao conhecimento, isso contribuiria ainda mais em seu processo de produção econômica, política e cultural. (SANTOS, 2008).

Para o povo do campo deve ser assegurado por lei assegurar condições de moradia, e viverem dignamente, em relação a cultura e educação são de grandes desafios em formar os sujeitos de direitos.

O PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária enfrenta o desafio da alfabetização, o índice de escolaridade de jovens e adultos é alarmante, mas esse programa veio para melhorar e diminuir essa realidade. O programa dá condições, acesso da educação (SANTOS, 2008).

Para o autor mencionado acima a vida no campo é complexa, de condições socioeconômicas e educacionais, por isso exige maior coerência na construção de estratégias que contribuíssem a uma qualidade de vida do povo. As políticas públicas buscam sanar as desigualdades, de direitos a escola, priorizando o ensino. A educação é fundamental, pois desenvolve e transforma o lugar. Portanto, um povo alfabetizado é um povo evoluído.

Conforme Molina apud Jesus (2004), a educação do campo no Brasil, acontecia devida a elementos principais tais como: o campo e a situação social objetiva das famílias que trabalhavam devido ao aumento da pobreza, a degradação da qualidade de vida das pessoas do campo, a desigualdade de vida das pessoas do campo, a social e a exclusão; os conflitos que são uma forma violenta e um impacto na população do campo, que ficará dominada por um modelo capitalista de agricultura.

Em relação à educação continha ausência de políticas públicas que garantiam o direito a educação, a emergência de lutas e de sujeitos coletivos que reagiam a situações que eram submetidos, no caso situações sociais especialmente com as lutas camponesas, ainda mais porque lutavam por terras e pela reforma agrária, buscavam uma outra concepção de campo e de projetos desenvolvessem e pudessem melhorar as condições de vida de que vivia e trabalhava no campo.

A presença significativa ou seja experiências educativas que ensina a difundir, a entender melhor a cultura e política do povo camponês frente as suas incansáveis lutas e possíveis fins. “Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade do movimento por uma educação do campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação e a uma educação que seja no e do campo”. (MOLINA apud JESUS, 2004, p. 25)

A educação no campo defendia direitos das mulheres do campo lutando por uma reforma agrária, por uns pedaços de terra, para sua moradia, e que fosse pertencente a ela, por direito. Os camponeses sempre viveram instabilidade territorial, insegurança e medo, pois nunca era estabilizado o seu território, por isso sua luta sempre foi grande, buscando melhores condições de vida para as famílias assentadas uma igualdade social por seus direitos e por uma diversidade cultural. Não queriam eles ser somente simples agricultores, mas sim agrícolas educacionais, produtores do campo que pensam não ignorantes e escravizados pelo sistema capitalista (MOLINA apud JESUS, 2004).

De acordo com Ghedin (2012), a população rural teve uma redução em relação aos grandes centros urbanos industrializados e áreas de periferias, como houve um fluxo de pessoas que se deslocaram para a Amazônia, ocasionando muitos conflitos agrários que pressionou as populações tradicionais, sobre os recursos naturais.

Para diminuir o êxodo rural, a partir dos anos 90 do século XX, o governo lançou os programas e projetos que permanecem no Brasil com investimentos no meio rural e no meio agropecuário a exemplo disso tem-se as sementes e os fertilizantes, as

ferramentas, máquinas para o manuseio e auxílio na produção, implementos agrícolas. Porém os trabalhadores do campo pouco usufruem de sua produtividade, pois a maior parte dela fica com os grandes produtores, que são em sua maioria bem organizados e representados na política, por isso desfrutam mais desses benefícios (GHEDIM, 2012).

Para Ghedin (2012), as políticas públicas e os projetos regionais vieram com a intenção de auxiliar as regiões que se encontravam em situações de subdesenvolvimento em que estava sendo gerado pela má utilização dos recursos naturais e humanos o que dificultou o desenvolvimento social e econômico das populações daquele local.

A luta dos trabalhadores e trabalhadoras do campo precisa extrapolar o chão de terra. Ela deve ocupar também os espaços políticos formais onde ocorrem os embates políticos e ideológicos e as disputas e alianças por poder, como também na construção, condução e defesa dos interesses dos trabalhadores (GHEDIM, 2012 p.186).

Os trabalhadores do campo, sempre viveram controlados por uma política dominante, lutando incansavelmente pelos seus direitos, por um espaço de terra digno, que pudessem trabalhar e produzir seu alimento, além de seus filhos terem acesso ao estudo. Lutar por políticas públicas, para o trabalhador do campo, é lutar por educação que não é controlada pelo governo, onde os que ganham bem e tem condições tem acesso, mas que também a população carente possa ter os direitos adquiridos e alcançar seu espaço no mercado de trabalho.

O povo do campo sempre lutou por uma sociedade, mesmo com tantos impasses e complicações de um poder capitalista que cresce com o suor de pessoas tão trabalhadoras e entregues por uma vida mais justa. (GHEDIM , 2012).

1.3 CONTEXTO EDUCACIONAL RURAL DURANTE A MONARQUIA

O império brasileiro herdou um ensino escolar desastroso por parte da administração portuguesa, em nosso país. Este império tinha algumas características gerais, como: o plano político, cuja sua característica era a mente ou pensar reinante dos brasileiros oitocentistas.

De acordo com Eby (1962), no final do século XVIII ao século XIX, o grande número de crianças não tinha oportunidades de estudar, de obter a educação

elementar, as despesas eram muito grandes e também não havia professores com qualificações, além se serem insuficientes. Então a solução foi solucionar a situação por meio do sistema de instrução monitorial, sendo que este método foi concebido pelo Reverendo Andrew Bell e por Joseph Lancaster. (EBY,1962)

Para José Ricardo Pires de Almeida (1832), o maior número de escolas era dos meninos 162 escolas, enquanto que para as meninas 18 escolas, que foram distribuídas por alguns estados do Brasil: Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul. Havia dificuldade de encontrar professores, pois a capacidade de lecionar se destacava, porque não se instruíam mulheres e elas quase não exerciam sua função pública.

Quanto à educação secundária, durante o império estava predominante nas mãos de particulares. Mas o governo central 1837 buscou manter o padrão do ensino a partir da criação. Nesse período, o Colégio Pedro II se caracterizou por um modelo dos famosos colégios da França, pois este por sua vez possuía boa aceitação da humanidade, pois esta escola introduziu o estudo de língua, sendo o inglês e o francês onde estudar estas línguas duraria sete anos. (ALMEIDA, 1989)

[...]brancos, portugueses, filhos da elite, eram alvo de uma educação formal, longa e diversificada, preparatória para o poder e/ ou para vida eclesiástica. [...] Outros portugueses, pertencentes aos segmentos restritos das classes populares, tinham acesso apenas aos rendimentos escolares: isto é, ler, escrever e contar; [...] para os índios e mestiços, a educação era ministrada nas missões, nos engenhos e nas igrejas. A este ensinava-se precariamente, catecismo preparatório para o batismo para a vida cristã, além de ofícios e tarefas servis que, naquele tempo, por serem consideradas desonrosas, não podiam ser executadas pelo próprio branco; [...] os colonizadores desenvolveram, também, pedagogias para tratar da educação /evangelização dos escravos. (SILVA apud AMORIM, 2017 p.192)

O Brasil foi administrado pela monarquia portuguesa, que veio se refugiar no país, gostou das novas terras produtivas e fez seu reinado em território brasileiro. Implantou o ensino primário, que se iniciou em 1822, havia uma deficiência educacional muito grande a ser superada, sendo que o ensino passou por meios legais para ser efetivado, em seguida do método de ensino mútuo ou método Lancaster, que no final do século XVIII e século XIX acontecera devida a um grande número de crianças que tiveram oportunidade de obter educação elementar.

Logo após o ensino secundário que mais predominava durante o império, por ser um ensino de privilégios da elite, pois o ensino secundário em número limitado de liceus reunia os melhores professores. Contudo, a modernidade educacional do ponto de vista pedagógico representava o Brasil como método de coisas ou método intuitivo. (EBY, 1962)

Conforme Hipólide (2009), no Brasil, o império, era composto por uma sociedade escravocrata de latifundiários, os que formavam as elites classe de colonos pobres, mestiços, negros escravos e semiescravos, dominados pelos senhores de engenho. Os escravos e a produção do açúcar, algodão, café e extrativismo mineral todos estes produtos eram ganhos econômico brasileiro.

A educação na época do império era classista, no qual somente as elites e seus filhos estudavam através de uma educação jesuítica e escolástica. O governo imperial abandonou a educação do povo sendo forçado pela Inglaterra, por causa de uma educação que não era laica e nem pública e estava em abandono (HIPÓLIDE, 2009).

Para Hipólide (2009), D. Pedro II queria acolher o povo, ajudá-los, ele era o monarca-filosófico, apreciava os livros, e tentou descentralizar a responsabilidade com o ensino primário e secundário, passando a responsabilidade para as províncias, que não quiseram se responsabilizar, repassando esta função principalmente do ensino primário aos fazendeiros do café e senhores do engenho. Porém, o resultado não superou as expectativas.

O governo imperial tentou realizar alguns projetos para a população, buscando educação a todos, no qual usava como discurso a defesa a igualdade e relatando que a escola seria para todos, D. Pedro II acreditava que o país alcançaria progresso e que um povo com estudo se desenvolveria melhor.

A Inglaterra forçava o país brasileiro a pagar tributos, ao emprestar dinheiro para o desenvolvimento de suas ferrovias, para os aparelhos dos portos marítimos, e montagem das indústrias. Isto proporcionou uma expectativa de melhora na economia; Porém, por isso, o Brasil cada vez aumentava sua dívida com a Inglaterra. (HIPÓLIDE, 2009).

O senhor de engenho é título a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido, obedecido, e respeitado, de muitos. E se for, qual deve ser, homem de cabedal e governo, em se pode afirmar no Brasil o ser senhor do engenho, quanto proporcionadamente se estimula os títulos entre os fidalgos do reino (HIPÓLIDE, 2009, p. 57).

Na época do império, o Brasil, foi dominado por elites, de homens ricos e poderosos, que controlavam o país onde a classe alta tinha acesso à educação, e classe pobre não podiam estudar. A renda do país era a produção de alimentos comestíveis e não comestíveis, porém grande parte de seu lucro a Inglaterra absorvia, como imposto (HIPÓLIDE, 2009).

O Brasil por muitos anos foi dominado pela Inglaterra, o que o limitava, impedido de se expandir e se desenvolver. D. Pedro II se importava com a população, acreditava no desenvolvimento do povo, e quando se libertou das garras do país europeu, e se tornou independente, para Portugal o Brasil era apenas uma extensão de terras, no qual adotou um modelo de exploração sendo doutrinário mercantilista, que controlava o comércio interno e externo, a colônia brasileira passou a ser agroexportador dominado pelo mercado capitalista (HIPÓLIDE, 2009).

A educação passou por várias reformas, desde a primária e secundária, e alguns cursos superiores, que em geral literários e retóricos cursos estes exclusivos aos sacerdotes (HIPÓLIDE, 2009).

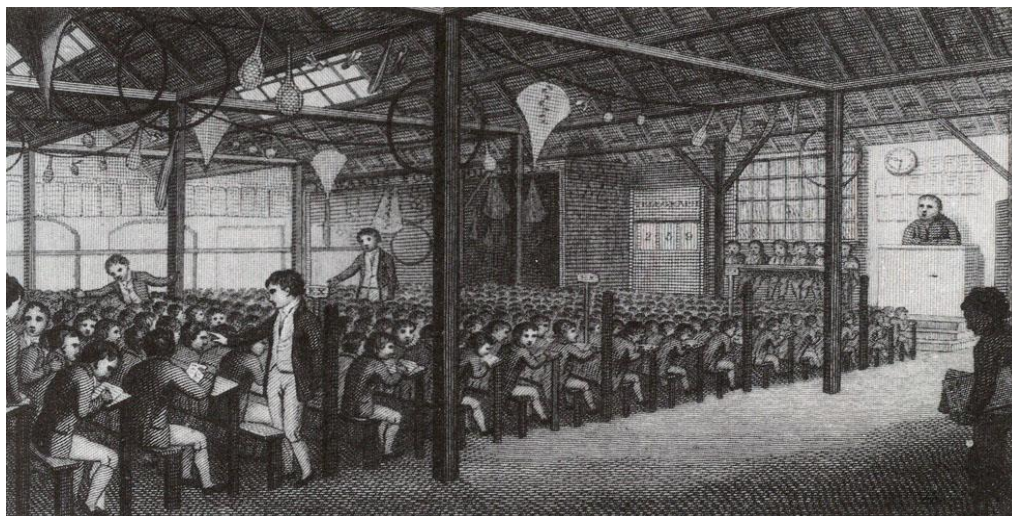


Foto 02: Ensino Mútuo (Método Lancaster), sala de aula 1811.

Fonte: <http://in-learning.ist.utl.pt/modos-de-organizacao-escolar.html> Acesso dia 05/12/2018

Conforme Zotti (2004), Portugal foi invadida pelos franceses, e se refugiou no Brasil, a intenção de Portugal seria de caráter provisório, porém a nova terra era muito produtiva, cheias de recursos naturais. Com a instalação da corte portuguesa o Brasil, ganhou um estado monárquico, onde a capital foi o Rio de Janeiro com os maiores órgãos administrativos assim sendo a maior concentração do país.

Segundo o autor Zotti (2004), as mudanças e os costumes, foram muitos, com a chegada da nova corte para as cidades brasileiras. A monarquia portuguesa fez

diversas medidas que alteraram a cultura da vida intelectual daquelas pessoas, medidas estas voltadas para a segurança externa e interna. Dentre estas medidas, a criação dos cursos superiores pois a educação no Brasil respondia as necessidades do estado.

Quando a corte portuguesa veio para o Brasil, e firmou-se no país, o processo de Portugal assume formalmente, sua independência, adotando suas políticas, administrando e dominado a ex-colônia. O Brasil sempre foi rico, em recursos naturais, explorado por seus produtos alimentícios e matérias-primas (algodão, açúcar, café e tabaco) (ZOTTI, 2004).

O processo de independência do Brasil, que começa com a vida da família real e concretiza-se em 1822, com a formação da independência política é resultado, essencialmente, do confronto de grupos da elite com a corte portuguesa, visto que corriam o risco de perder os privilégios até então conquistados. (ZOTTI, 2004, p. 35)

Para o autor supracitado a independência caracterizou-se por uma classe dominante, que buscou suas próprias medidas, alterando a superestrutura política do país adequando a economia. O Brasil conquistou sua independência, mas isso não fez os laços com as colônias apenas rompeu com Portugal, se tornando livre, independente tanto economicamente e politicamente, continuou colônia a mercê de um novo império europeu.

De acordo com Zotti (2004), em 1930, veio a Revolução Industrial, que acomoda os interesses dominantes devido a implantação do capitalismo no Brasil, nessa época, o regime afastava as oligarquias cafeeiras do comando e da política de uma sociedade na qual tinha como governante Getúlio Vargas. Getúlio Vargas conseguiu governar o país e atendeu a vários setores sociais, a exemplo disso a compra do café que funcionou de forma positiva e politicamente pois facilitou as reivindicações trabalhistas que tinham opiniões diferentes na indústria no período que perdurava.

Os anos 30 prosperou muito com o surgimento das indústrias, países alcançaram o capitalismo. Porém outros não, dominados pelo império ficaram na crise e dependentes. Com a Revolução de 1930, ocorreu duas causas, a economia que não supria as necessidades da população, colaborando para uma economia fraca, outra situação se tratava de libertar o Brasil de ser dependente em relação a economia dos países estrangeiros, seguia o modelo agrário-comercial exportador, o que o obrigava

a importar seus produtos manufaturados, por ser submisso aos países de grande porte econômico da época. (ZOTTI, 2004).

1.4 PRINCIPAIS MUDANÇAS DA EDUCAÇÃO NO CAMPO DO PERÍODO REPUBLICANO

O processo Educativo no Brasil se originou com a companhia de Jesus, aos Jesuítas, que após o seu descobrimento não tinha uma boa relação harmônica com Portugal. D. João III , como rei de Portugal fez a nomeação do primeiro secretário da educação, o padre jesuíta Manoel da Nóbrega, este tinha como intenção facilitar o ensino as pessoas, e que este ensino todos pudessem ter acesso, aderiu ele a catequese aos brasileiros, ensinando-os para serem alfabetizados o rei mandou o padre jesuíta Manoel de Nóbrega, juntamente com Tomé de Sousa rumo a Bahia, para implantar o sistema escolar. Mas este programa não qualificou o aluno, porque a sociedade brasileira ainda se manteve dominada escrava do seu trabalho (GILES, 1987).



Foto 03: Jesuítas catequizando os indígenas no Brasil Colônia

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=jesu%C3%ADtas+catequizando+os+indigenas+no+brasil+col%C3%B4nia+imagem> Acesso em 10/12/2018

Na época republicana, os colégios, favoreciam a grande elite, que sempre buscava conhecimento e adequação a outros níveis sociais. Para os padres jesuítas foi muito difícil catequizar, implantar o sistema educacional aos índios e aos escravos, pois havia um impedimento por parte da elite, os padres foram expulsos e isto perdurou por treze anos, contribuindo com uma educação desestruturada (GILES, 1987).

Os jesuítas objetivavam formar com ensino religioso-humanístico, porém não conseguiu atingir sua meta. A pequena burguesia brasileira, via no processo educacional uma saída de liberdade, pois sofria influências das oligarquias que dominavam somente elas desfrutavam dos privilégios e dos monopólios, que era a parte dos ganhos: “A introdução de algumas modificações no processo educativo deve-se ao regente, João. Entre esta, a mais importante é a fundamentação de cursos de ensino superior”. (GILES, 1987, p. 287)

No novo regime também se cria uma divisão de poder sobre o processo educativo, o que resulta de fato numa dualidade de sistemas. Ao poder central cabe o poder e o direito de promover e regulamentar o ensino na capital, como também o ensino superior em todo o território nacional. Às províncias cabe o controle sobre o ensino primário e secundário, em nível local. (GILES, 1987)

O processo educativo no Brasil vem desde a época dos padres jesuítas, que vieram para catequizar os escravos e os índios, pois não foram bem recepcionados pelas oligarquias que impediam que a educação chegasse aos menos favorecidos, enquanto que os filhos das elites se instruíam alcançando mais espaço na sociedade (PAIVA, 1990).

O movimento republicano iniciou-se durante o Império, nos anos 1870, levando muitas críticas em relação à diferença de raça, posição econômica e a manutenção dos privilégios da elite. (PAIVA, 1990).

A Constituição de 1891 possibilitou ao Brasil um regime de presidência, ou seja, o país passou a ter um representativo governante do país, este novo regime era dominado pelas forças políticas que sempre seguia seu próprio padrão, isto é, prevalecia o interesse das classes dominantes. Já em 1900, começa a política dos governantes que era um modelo que pensava e que não deveria ficar submisso ao poder político, mas que deveria ter suas próprias atitudes não ser mais dependente de outros poderes oligárquicos que na época vigorava. (PAIVA, 1990).

As divergências das classes sociais em relação à política, foi devido aos grupos que dominavam o estado e das elites, pois a mesma não permitia o livre arbítrio. Das pessoas se expressarem, dar suas opiniões, reprimia usando da violência para intimidar a população. Por isso o domínio das oligarquias se alongou por tanto tempo. (PAIVA, 1990).

Segundo PAIVA (1990), Os liberais republicanos, usaram como estratégias para tirar o Brasil de educação fraca, ideologias positivas, sendo criado pelo Augusto

Comte (1798-1857), pois nesse, momento acreditava-se que o progresso viria através das ciências experimentais, era a ciência de experimentação das coisas, que melhoraria a vida das pessoas e também propunha uma reforma conservadora ativa e que aderisse a mudança.

[...] tinha-se em verdade passado o tempo das revoluções feitas somente à força da espada ou à força do dinheiro: o essencial era preparar a opinião pública; e com alguns níqueis no bolso para estradas de ferro, e com uma garganta para os discursos, também se podia abrir caminho para a república. Creio que me reconheci com alguns níqueis no bolso e com uma garganta (JARDIM, Silva in QUEIROZ: 1947. p. 7)

Os movimentos republicanos queriam mostrar as falhas do Império, com isso teria apoio da população. Nos anos 1891 o Brasil aderiu e presidencialismo onde passava a ter um líder representativo no país que enfatizava como prioridade ser um governo liberal e democrático, mas isso não ocorreu de fato. (JARDIM, SILVA, in QUEIROZ, 1947).

Para Veiga (2002), a educação no campo deve valorizar o passado de quem sempre viveu no campo e tem que está junto, participar das lutas sociais, dos movimentos sociais do povo, pois são pessoas que sempre lutaram para garantir seu pedaço de terra, e ter direito à educação, os camponeses buscam saber de suas terras, e das terras que tem direito.

A política de educação ensina as pessoas a conviverem melhor como seres humanos, claro que para formar pessoas tem que ter um processo educativo, que vai ensiná-la tornando responsável pelos seus atos, livres e reflexivos, se errar saber admitir seus erros, faz com as pessoas sejam capazes de cooperar e de relaciona-se. Nesse processo de aprendizagem, há o conhecimento, atitudes, valores, comportamentos e respeito. (VEIGA, 2002).

A educação para o desenvolvimento, numa realidade complexa, como é a brasileira, teoricamente não é um conceito fácil de se pensar a educação num contexto profundamente marcado por desses níveis. E pensar a educação num contexto é pensar esse contexto mesmo: a ação educativa processa-se de acordo com a compreensão que se tem da realidade social em que está emerso. (ROMANELLI, 2007 p. 23).

A educação no campo possui princípios que ajudam no processo educativo humano estes princípios valorizam a escola, como formadora de sujeitos, valorizam os diferentes saberes, no processo educativo, valorizam os espaços e o tempo que

ocorre a aprendizagem, o aprendizado não ocorre só na sala de aula, mas também no local onde está o sujeito e além disso conforme a realidade de vida. Todos têm direito à educação, a educação tem que chegar até os sujeitos, e no campo isto tem que ser mudado para que a educação seja de boa qualidade para o povo do campo (ROMANELLI, 2007).

Para o autor supracitado os princípios pedagógicos se trata do jeito de agir e de pensar em uma educação, em que esses princípios possam acontecer, já os demais princípios têm um conceito formado do que é o mundo e tudo o que ele possui, tem suas concepções das pessoas, da sociedade, no saber educacional, estes são os princípios pedagógicos. Os princípios filosóficos se referem a uma educação que transforma a sociedade, que educa para o trabalho e ensina a serem mais coletivos, as vidas humanas deve ser mais valorizada, com os valores humanistas e sociais e no processo que forma e que transforma a vida humana.

Segundo Passador (2006), não existe educação rural, mas fragmentos da educação escolar urbana introduzida no meio rural. A educação escolar é uma instituição emissária do poder que se concentra na cidade e o homem do campo está subordinado a isto. Projetos e Políticas do campo são para fixar o homem a terra, mas isso pouco acontece, porque os trabalhadores rurais abandonam seu trabalho, seu modo de vida, pois se veem em condições precárias, não existiram as políticas e a economia familiar é carente.

As educações rurais adequadas à cultura do homem mantêm um elo tanto das políticas efetivas quanto de redistribuição da propriedade fundiária e de garantia de justiça social para com os seus trabalhadores rurais, o homem do campo precisa desse apoio, se sentir seguro, por direito, pois o seu trabalho e as relações de produção nas comunidades agrícolas formam valores e além de estruturar uma organização social diferenciada do contexto urbano.

O ensino rural volta-se mais para formação de técnicos, do que para o ensino fundamental, sendo que este ensino é o que mais apresenta reprovações, ausência das aulas, número pequeno de professores, estas são algumas deficiências do ensino rural, que apresenta a falta de recursos didáticos, os professores com baixa remuneração, a educação do campo fica defasada, pois falta mais autoridades, um olhar mais preciso a este povo do campo.

O governo precisa implantar políticas públicas, investir nesta educação que é tão esquecida, para que desperte no agricultor a capacidade de refletir sobre o seu

contexto, seu ponto de vista em relação ao que ele pensa sobre a terra que usufrui, isto é muito importante pois se torna um indivíduo consciente da sua realidade.

Assim, no momento em que este agricultor perder o direito de posse sobre este elemento de produção, a luta por uma melhor escola não tão eficaz, por essa razão o mesmo deve se manter firme e invicto no seu propósito, continuar a lutar pelos seus direitos adquiridos por lei, lutar por igualdades, direitos sociais, e por uma educação mais justa e eficiente, que prioriza o ensino, para que assim a escola não enfrente tantos desafios, e sim seja um suporte para seus agricultores, a educação do campo tem que ser mais valorizada e cuidada pelo governo .

O Brasil teve inúmeras oportunidades durante toda a sua história, de construir um desenvolvimento integral do povo e também do país, mas, porém, o país continua ainda muito distante, pois a sua economia é marcada pela polarização social crescente, desintegração social e violência. O Brasil também sofre a internalização da economia dos países estrangeiros, através das empresas nacionais por transnacionais.

Atualmente o sistema educacional brasileiro é descentralizado, cabendo aos Estados e Distritos a responsabilidade do ensino fundamental e médio, já os municípios atuam na educação infantil e no ensino fundamental, porém é a União que mantém diretamente as instituições de ensino superior e escolas técnicas, assume o papel normativo, redistributivo e supletivo nos outros níveis de ensino. A descentralização de responsabilidades na área de educação, em particular o de redistribuição a nível estadual promovida pelo Fundef (Fundo de Desenvolvimento e Manutenção do Ensino Fundamental) , os gastos educacionais talvez venham do Estado e do governo. (PASSADOR, 2006).

2 POLÍTICAS EDUCACIONAIS E PERFIS DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO NO CAMPO

2.1 POLÍTICAS EDUCACIONAIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

A educação abordada no contexto escolar, mostra o perfil educacional dos alunos da educação do campo, o estudante tem o professor como um amigo, uma pessoa que o ajude, seja seu conselheiro para falar dos problemas, da sua vida, só assim ele adquire mais confiança entre professor e aluno, e se bem que o professor ou professora, passa a ser o segundo pai ou mãe, que além de educar é psicólogo de confiança.

Neste cenário, há pais que exigem demais de um professor e joga muitas responsabilidades sobre ele, mas isto não deveria. Para o aluno, não importa saber se o professor domina a matéria, se sabe dos conteúdos, o que importa é que este aluno veja que o professor se importa, se interessa pelo papel que exerce.

O aluno vai para escola para estudar disciplinas, assuntos necessários para seus conhecimentos, que contribuirão no seu crescimento intelectual humano. Mas é necessário que haja mais estímulo, o aluno tem que ir para escola não por obrigação, pois o governo obriga mais sim por vontades próprias, por que querem, tem que instigá-los, um bom professor tem que ser criativo, dinâmico, metodológico para assim chamar ao interesse de seus alunos, falta isto na escola.

A escola é lugar do aprendizado, que instruí desde a infância a fase adulta, formando o conceito humano, o aprendizado de fato ocorre quando passa a ser significativo para o aluno, ao abrir a sua mente dá ideias e com o professor sempre companheiro e tratando bem o seu aluno, auxilia em seu emocional e contribui o aluno a enfrentar suas dificuldades, que a vida lhe oferece. O âmbito escolar pode ser só um lugar ou espaço para o aluno, mas também tem que ser uma segunda casa para ele, o aprendiz se sentirá bem acolhido.

O estudante deseja ver em seu professor um amigo e conselheiro; às vezes, até um confidente, terapeuta, modelo e protetor. Não é sem razão que a relação professora – aluno, já na sua origem, confere ao professor o lugar dos pais, in loco parentum, e a escola, em consequência, demuda-se em prolongamento do lar. De maneira geral, num primeiro momento, os estudantes não se importam tanto como o que o professor sabe, se é uma sumidade na sua matéria (JULIATTO, 2007, p. 36)

Segundo Juliatto (2007), os estudantes são o público alvo mais importantes em uma escola, pois sem eles a escola não funciona, não teria professores, diretor (a), técnico – administrativo, ou serviços gerais. Os alunos dão vida no âmbito escolar, seja através de gritos, correrias, estudando em suas salas, ou mesmo correndo pelos corredores no intervalo, sem a presença deles há apenas o silêncio, o vazio, o professor como responsável pela formação do aluno, tem que passar o conhecimento, direcioná-lo, auxiliando o seu aluno a crescer, desenvolver o seu intelecto, enfrentar seus medos, e a interagir com as pessoas.

Há crianças que chegam na escola um pouco que reprimidas, quase não interagem com os outros e o professor, como bom profissional, tem que dar um jeitinho para tirar esta inibição, fazendo com que as crianças dialoguem, brinquem, isto é necessário.

Quando se trata desta inibição cedo, a criança se torna um adulto mais seguro e menos retraído em falar em público, o papel da escola é ensinar, preparar indivíduos, porém existem escolas que apenas somam o número de alunos, quantos são necessários para suprir as vagas, quanto mais alunos melhor, ainda competem com outras escolas, mas uma boa escola não precisaria de nada disso.

O objetivo maior de uma boa escola, para com seus alunos é sem dúvida alcançar o aprendizado deles, os estudantes querem aprender mais precisam de estímulos. A escola molda o estudante, passando aprendizado, cultura, conhecimento, além de promover o seu desenvolvimento intencional e formal, os estudantes são a razão de ser da escola, por isso, a todos os membros da mesma, professores, colaboradores, e dirigentes cabem o papel de servir bem ao aluno, que possam dar informações que precisam, oferecer outros serviços e todos os meios de suporte para que o aluno se sinta amparado na escola.

Às vezes os estudantes precisam de muitas coisas, como notas, documentos, matérias para trabalhos de sala, até mesmo resolver certos problemas com a diretoria, que no caso é direcionado ao diretor, havendo vários de tipos de situações. O diretor deve estar preparado a qualquer coisa, não é fácil, principalmente quando envolve pais, para o gestor é muito complicado, ainda porque os pais jogam a culpa toda sobre ele, por essa razão deve atenção a qualquer situação-problema. (JULIATTO, 2007)

Para a escola cabe o papel de ministrar conteúdos, mais adequados para o aprendizado dos seus alunos, objetivando ensinar e prepará-los para a vida. É muito difícil a criança conseguir desenvolver seu intelecto de forma positiva, se seus pais

não tiveram presentes em toda a sua formação escolar, quanto que se fossem presentes contribuiriam muito com o sucesso brilhante de seus filhos, mas essa realidade está bem difícil de acontecer e os professores ainda hoje são penalizados, cobrados por mais educação dos educandos.

Toda escola tem que ter o seu Projeto Político Pedagógico , que visa sempre em está melhorando a relação professor-aluno, professor-pais e pais e alunos .Buscando melhorias, a convivência, um ensino mais acessível aos alunos, com conteúdo programáticos fácies de aprender, elaboram projetos que contribuam na educação da escola dos alunos, buscando aproximar os pais com a escola e até mesmo fazer com que os pais se aproximem de seus filhos, é de grande importância para o aluno, isto é missão da escola, ela ensina, forma o cidadão. (CAMPOS, 2013).

Os pais são responsáveis pela sustentação emocional dos filhos, para que estes encontrem sucesso na aprendizagem escolar, orientando-os para lidar com as frustrações em relação aos modelos de aprendizagem formal. Os problemas vividos nas relações familiares vêm acentuando-gradativamente, ao longo da história (CASARIN apud RAMOS, 2007, p. 184)

De acordo com Campos (2013), os pais em sua maioria são ausentes da escola, o que muito prejudica o trabalho do professor, pois ele ensina o conteúdo para o aluno, o aluno leva para casa como dever, e os pais quase nem olham por faltam de tempo ou por outros pretextos, isto desanima a criança, ela não aprende só, professor x pais tem que trabalhar em coletividade. Para o professor esta questão dos pais é uma problemática, pois pouco participam da educação de seus filhos, e culpa os professores por não ensinarem direito, é uma realidade, a educação tem que acontecer com o esforço de todos.

A família é um espelho, é através dela, que a criança adquiri, sua educação, aprendi a se comunicar, a se socializar, OLIVEIRA (2001: 11) enfatiza é aprendendo a conviver com a família que a criança aprendi a se comportar, mesmo tendo regras e disciplinas impostas pelos pais, e na escola ela vai se adequar em um novo ambiente, o lugar do processo de aprendizado, que muito influencia na sua vida. Um ambiente familiar bem estruturado, que contribui com a educação dos filhos, tende a valorizar o desenvolvimento e a escolaridade deste.

2.2 EDUCAÇÃO: DIREITO DE TODOS.

A identidade da escola do campo é definida pelos sujeitos sociais que ali vivem, os assalariados, os assentados, os ribeirinhos, as caiçaras, os extrativistas, os pescadores, os indígenas, os quilombos, todo povo do campo. A identidade da educação não é só definida pelos sujeitos, mas também envolve a cultura, que marca a história do povo, do seu trabalho, de sua contribuição de vida no campo.

A escola no campo precisa investir na realidade do povo do campo, por isso os modelos de agricultura de novas matrizes tecnológicas, da produção econômica das relações de trabalho e da vida das pessoas que vivem no campo, sejam através da solidariedade, que visa melhorar a qualidade de vida daqueles que sobrevivem do campo, dos que plantam e produzem. É muito difícil a vida no campo, há o calejar nas mãos, o suor no rosto de um povo trabalhador, que todos os dias trabalham incansavelmente na terra e alimentam a mesa de milhões de famílias (VEIGA, 2002).

As relações econômicas do povo do campo são construídas pelo próprio povo, mesmo que de diferentes gêneros, etnias, religiões, diferentes organizações, diferentes organizações sociais e diferentes formas do povo, que vive de forma individual ou em coletivo. A tempos que estes povos são subordinados a um padrão controlador que nunca deu sustentabilidade, por isto este povo sempre teve uma educação distante, longe daquilo que se almejam. Ao lutar pelos seus direitos seja a favor de suas terras, água, alimentação, e educação, o povo do campo toma outro rumo, porque vão reconstruindo sua identidade, adquirindo seus valores na comunidade, toma posse do espaço, onde vive.

A educação é um agente de desenvolvimento social, político e econômico. Como todo instrumento, deve ser utilizado com sabedoria e conhecimento, pois até esse precioso valor que é a educação pode ter consequências maléficas, quando mal utilizado. Se quisermos, entretanto, que a educação realize sua função e tudo o aquilo que dela esperamos, teremos de compreender profundamente o seu papel no seu desenvolvimento nacional. (REIS, p.75, 1968)

Educação tem sido construída através dos séculos, de geração em geração, e tem como função social conservar e gerar cultura, o que quer dizer valores, conhecimentos, destrezas e habilidades, uma preparação para viver em sociedade.

Para Veiga (2002) a identidade da educação do campo, é defendida pelos sujeitos do campo sociais, pela cultura, de um povo do campo, onde ver a sua

realidade no que produz e no que faz. Cada indivíduo vive só ou em coletivo, tanto os homens quanto as mulheres são submetidos ao trabalho agrícola, a qual trabalham a muito tempo, estes sujeitos fazem parte de um modelo hegemônico que nunca deu sustentabilidade para essas famílias que moram no campo.

O conjunto de conhecimentos e práticas, instigam as políticas o compreender o campo, como um espaço emancipatório, um território fundado de construção da democracia e de solidariedade humana, porque transforma o lugar não só como um cenário de lutas e conflitos, mas de um povo que em busca os seus direitos a terras, um povo lutador pelos direitos à educação, à saúde à organização da produção pela soberania alimentar, pela preservação das águas, essas lutas contribuíram para novas políticas culturais, econômicas, ambientais do país, que sempre almejou por mudanças que o levassem para outro patamar de ideias e transformações.

Conforme o 4º Art. 211 da Constituição Federal as políticas de educação devem estimular ações, sendo públicas e privadas, aos movimentos sociais e organizacionais não – governamentais, essas ações articulam a formação humana dos sujeitos em diferentes campos do conhecimento que possa gerar e gerir novas alternativas e ações do campo, estabelecendo sempre a terra como mediadora deste, a condução dos sujeitos a continuidade aos estudos.

Essas políticas conforme a lei nº 10 172 2001, são propostas para uma melhor educação no campo, as implementações dessas propostas são orientadas por três desafios, sendo a universalização, a formação de educadores e educadoras e a qualidade.

A universalização da educação básica, assegura a oferta das séries iniciais do ensino Fundamental e Médio em escolas do campo ou escolas próximas, inclui orçar as ações em educação no campo, através de convênios do MEC. Promove a formação e incentivos aos educadores, para isso, implementando programas de formação aos professores e cursos de formação em serviço para professores que não são habilitados. (Constituição da República Federal do Brasil de 1988).

De acordo com Reis (1968), a política educacional, tem que está integrada, na política de desenvolvimento, a educação não se faz sozinha, mas contribui para ser aplicada. Porém a educação tem que garantir oportunidades educacionais a todos, isto ajuda a diminuir as desigualdades para aqueles que não tem acesso ao estudo.

A política educacional, tem que ser um investimento do país, pois o governo que vai levar a educação de qualidade ao povo, o povo necessita de uma educação de qualidade e no campo isso é dificilmente alcançado, é necessário um olhar com mais carinho e zelo pela população tão sofrida, por viver em um país subdesenvolvido.

O fundamento da identidade do povo do campo é a luta por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, que seja no campo e para o campo, como uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação vinculada à cultura e necessidades humanas e sociais. Contudo a educação integrada na política de desenvolvimento tem que realizar pesquisas científicas no setor educacional, essas pesquisas são bastantes úteis para resolver qualquer problema. (REIS, 1968).

Para Rocha apud Gonçalves (2011), a educação no espaço rural é marcada por ter pequenas escolas, a maioria com uma sala, turmas multisseriadas, que são diferentes séries trabalhadas em uma só sala de aula, professor tem que ministrar aulas com turmas misturadas e alunos de todas as idades. É muito difícil para um docente trabalhar desta forma mais não tem outra opção, é uma realidade que acontece á tempos, pelo Brasil ser capitalista e de exclusão social, atingindo as populações mais pobres.

As escolas rurais em sua maioria funcionam em outra escola, podendo ser na zona urbana a responsabilidade de certificar e acompanhar as estas escolas rurais, muitas destas escolas rurais, são improvisadas em prédios sem nenhuma estrutura, sem segurança ou se quer conforto, o espaço é pequeno, a cozinha funciona em qualquer canto, as vezes não tem água, a secretaria, funciona em depósito tudo fica no mesmo ambiente, não há banheiro, falta de energia, não tem saneamento, muita precariedade.

Entretanto, apesar de tantas dificuldades, o docente, dedica-se em ensinar os seus alunos, as vezes o local do seu trabalho é de difícil acesso, mas o profissional busca exercer o seu trabalho, ministrando suas aulas, ensinado a educação, apesar de não ter os materiais adequados, ele busca e faz o seu trabalho. Além de receberem pouco, salários baixos, trabalham o dobro, mais não se cansam de serem educadores. (ROCHA apud GONÇALVES, 2011)

De modo geral, o universo da educação rural é ainda bastante marcado pela presença de pequenas escolas com apenas uma sala de aula, turmas multisseriadas, formadas por duas, três até quatro séries diferentes e, na

maioria das vezes com apenas um professor atuando. As escolas rurais funcionam quase na sua totalidade como escola anexa a uma escola maior, localizada nos centros urbanos, responsável pela certificação e acompanhamento pedagógico das escolas rurais. (ROCHA apud GONÇALVEIS, p.11, 2011)

Conforme a afirmação descrita pela citação acima as escolas do campo, são muito simples e precárias, falta de tudo um pouco, o docente ministra suas aulas, tendo que ensinar matérias distintas em uma só sala de aula, e apesar de tanta dificuldade executa o seu trabalho.

O professor em nosso país recebe um salário inferior, o professor deveria ser mais valorizado, pois forma as profissões, educa desde o princípio o indivíduo, além disso há muitas necessidades, como a falta de materiais, falta projetos políticos pedagógicos, para uma melhor formação onde os professores trabalhem com seus conteúdos de maneira mais completa, ajudando ao educando, compreender a sua realidade, as estruturas da escolas são muito ruins, isto prejudica no funcionamento da mesma. “Os educandos no que ensinam repassam apenas conceitos, mais não demostram para o aluno assuntos relacionados a sua vida no campo, pois seguem conceitos que vêm da zona urbana, nas escolas do campo não tem equipamentos, impedindo que haja desenvolvimento nas atividades agrícolas ou outras atividades”. (ROCHA apud GONÇALVEIS, 2011, p. 11).

Diante disto, o professor como profissional da educação, é um agente essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática, visto que é papel da escola formar cidadãos, e proporcionar aos alunos os ensinamentos de que eles necessitam para viver e trabalhar neste mundo de evolução, bem como orientá-los para a vida. Isso só acontece, se a escola definir como meta, o trabalho crítico com os conteúdos a ser estudados pelos educandos e docentes comprometidos e motivados para trabalhar com a causa educativa.

O docente, deve considerar no exercício de sua função, o aluno como sujeito de múltiplas relações, que por estar em processo de formação, deve ser considerado em sua totalidade. Assim, deve assegurar ao educando uma formação crítica, capaz de levá-lo a refletir sobre temáticas cotidianas e interferir positivamente em seu meio e, sobretudo, em sua vida para transformá-la pela educação.

2.3 ESCOLA DO CAMPO: REALIDADE DA EDUCAÇÃO RURAL

Para os movimentos sociais a programação do direito universal a educação sempre foi uma dura conquista, principalmente para os professores nas esferas federal, estadual e municipal, conforme a constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases nº 9 394/ 96, afirma o processo da educação do campo dos seus direitos humanos e sociais.

A educação é um direito social que organiza e produz a cultura do povo, por essa razão a educação no campo não pode ser exclusiva e sim todos merecem uma educação de qualidade, pois transforma o meio, renova valores, atitudes, conhecimentos e práticas das terras do campo, cria a identidade dos sujeitos, povo que sempre lutou pelos seus direitos, buscando desenvolvimento rural.

A política da educação do campo não pode ver que a cidade é superior ao campo, assim compreenderá, tendo um novo ponto de vista, de forma horizontal e solidária da política educacional do campo e da política educacional da cidade, mediante de poder, gestão, de economia, conhecimento. O conjunto apesar de suas dificuldades, de famílias carentes, é um lugar rico e produtivo, o povo que lá vive valoriza o seu espaço a sua cultura. (SILVA, p.34, 2003).

A rigor não existe educação rural; existem fragmentos da educação escolar urbana introduzidos no meio rural. A própria educação escolar é em si mesma, uma instituição emissária do poder que se concentra na cidade e, de lá subordinada a vida e o homem do campo. Políticas e projetos de educação rural capazes de “fixarem o homem à terra” são tão ilusórias quanto imaginar que basta pintar com tinta nova o casco de um navio com um rombo enorme, pra que ele se fixe sobre o mar. (BRANDÃO, 1984, p. 243)

A educação do campo sempre foi marcada por conflitos, porém com reivindicações e movimentos sociais, através das ações dos trabalhadores e trabalhadoras da educação pública, alcançando as esferas federal, estadual e municipal. A luta por uma educação pública tem sido geradas por manifestações organizadas por diversos movimentos sociais.

Destes, os mais conhecidos o MST, que devido a manifestos e trazidos ao poder público, trouxe reflexões e ações do Estado e na sociedade civil, com isso surgiu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – Pronera criado no ano de 1998, programa este que veio para atender as áreas de assentamentos de reforma agrária. Educação é um direito do povo, possibilita mudanças de vida das

pessoas do campo, o campo é um espaço rico, produtor, explorado pelo mercado consumidor (SILVA, 2003)

Para Rocha apud Gonçalves (2011), a escola quando não aceita a realidade e a cultura dos educandos, na oferta, ocorre então o currículo descontextualizado, desmotivando assim o educando em seus estudos, em ser um educador do campo. Contribuindo com o fracasso escolar, desinteresse, abandono dos estudos, reprovações e outras coisas negativas para a nossa educação. Os currículos da zona rural são descontextualizados, não consideram o calendário anual, para que assim aconteça o acompanhamento da escola, dos professores, e da comunidade, isto prejudica muito o aluno, pois não participam das atividades escolares nos períodos de coletas, baixo de maré, das chuvas fortes, festejos religiosos e outras programações da comunidade.

Nos programas dos currículos, as atividades pedagógicas não reconhecem e nem valorizam a história e a cultura dos seus professores e da sua comunidade, os alunos aprendem sobre contextos que são da zona urbana e seus conteúdos são ensinados, sem mostrar para os alunos os seus valores, de quem mora no campo, os professores não falam de suas experiências que adquiriram em ensinar no campo e nem enfatizam da importância do que são e do que representam como povo do campo.

Os conteúdos curriculares e as metodologias, tem que acontecer conforme as necessidades dos alunos da zona rural, tem que está relacionada a vida deles, o calendário escolar, deve ser organizado, buscando acompanhar as programações do ciclo climático do campo e da formação do indivíduo que sustente a comunidade.

É por essa razão que os educandos, educadores devem lutar pelos seus direitos, seja através dos movimentos sociais ou outra mobilização, lutando por propostas pedagógicas, que garantam uma melhor educação, e um povo mais questionador, que discuti por uma estrutura agrária, pela exploração ou violação, que são impostas pelas oligarquias.

A formação de cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la deve, também, contemplar o desenvolvimento de capacidades que possibilitem adaptações às complexas condições e alternativas de trabalho que tem-se hoje e a lidar com a rapidez na produção e na circulação de novos conhecimentos e informações que tem sido crescentes.

Os currículos oficiais são vagos, não permitindo as escolas saberem claramente o que ensinar e o que se espera realisticamente que os alunos saibam. Por lei o MEC não deve fazer currículos para o ensino básico. Seu papel é apenas dar “parâmetros curriculares”. Contudo, as orientações federais dominaram o ensino, apesar de muitas vagas, indefinidas e formuladas e, linguagem obscura. (VELOSO apud ELSEVIER, 2009, p.158)

Os currículos escolares, são muito importantes por ser um conjunto de atividades que compõem o processo de formação a ser desenvolvida, este é o processo de organização e funcionamento da escola, é através dele que ocorre as propostas pedagógicas a serem trabalhadas e executadas. Através do processo curricular, se faz todas as programações da escola, pautada nas pessoas que ali trabalham fazem seus afazeres, tarefas, tem suas responsabilidades, tendo consciência dos temas a serem abordados e de que maneira serão ministrados, como será desenvolvido e ensinado pelo professor em sala de aula. (ROCHA apud GONÇALVES, 2011)

A educação no campo, para os camponeses, não é vista como uma preparação para a vida dos seus filhos valorizam mais o trabalho, para eles os filhos aprendem mais trabalhando. O aluno da escola rural não é considerado um estudante, conforme pensam os órgãos públicos.

Este aluno é um trabalhador que ajuda com as despesas de casa, mais isso se dá devido às condições de vida da família, que faz com que sobrevivam mais do seu trabalho, como lavrador subalterno, peão de lavoura, por mais que queiram uma educação para os seus filhos fica longe a possibilidade de estudos, reflete na mente a consciência de ir para a cidade , agravando o seu modo de vida , ainda mais na metrópole, comprometendo sua maneira de vida os levando a condições de pobreza e submissão .

Os cursos de alfabetização fracassam no escola rural, ainda mais se forem direcionados aos adultos, os adultos não sentem que são obrigados a estudar, para os filhos a escola é desejada, há sacrifício, poucos consegue estudar, a escola é o lugar simbólico, que dará condições para a cultura camponesa e tanto os pais quanto os filhos serão valorizados .

As famílias de trabalhadores rurais não esperam da educação na escola uma educação rural, porque sabem que seus filhos precisariam desloca-se para as cidades, para terem acesso ao estudo, e o que os trabalhadores esperam dos seus

filhos é que eles sejam capazes de lidar, de ter atitudes, mesmo como lavradores, aqueles que invadem o mundo rural, como líderes que dominam o lugar onde vivem.

O ensino é um trabalho e o aprender é o ofício do menino. No campo a educação escolar não é percebida como uma lenta preparação para a vida. Ela recorta a vida do menino trabalhador para no menor tempo possível, redefini-la através do acesso a formas de trabalho que a educação conduz (ou é vista conduzindo). O menino da escola rural não é um estudante no sentido em que a educação burguesa imagina “a criança que estuda”. Ele é um trabalhador prematuro que divide, no trabalho da escola, uma vida de trabalho. (BRANDÃO, 1984, p. 245)

O modo de vida do camponês, é muito dificultoso para as famílias, não há necessidade do estudo aos adultos, já seus filhos quase não estudam, cedo começam a trabalhar para ajudar com a renda dentro de casa. As famílias sabem que possibilitar estudo aos filhos teria todo um deslocamento para as cidades, modificando assim seu modo de vida que é de lavrador, na cidade passariam por necessidades, por isso muitas famílias preferem não arriscar, é não esperam da educação na escola rural, uma educação camponesa e diferente da urbana. (BRANDÃO, 1984)

As escolas do campo são muito importantes na vida dos alunos, porque contribuem no desenvolvimento de atividades ensinando no cultivo de alimentos, como criações de hortas em plantações de verduras para as famílias do campo e para o mercado consumidor, há também outra fonte econômica do campo, o ecoturismo, que é o turismo rural. Este é um processo que auxilia de forma consciente e ecológica, ocupando o trabalhador do campo, mostrando a valorização no meio ambiente que vive, existem atividades que são realizadas no campo desde o banhar nas cachoeiras, fazer cavalgadas, trilhas ecológicas.

Os alunos do campo adquirem conhecimento, pois aprender na prática a importância de conservar o meio ambiente, que isto é importante para a sua sobrevivência, porém as escolas rurais possuem uma péssima estrutura, que impossibilitam que a educação ocorra com qualidade, muitas funcionam em estados degradáveis, poucas são as que têm materiais e suportes para o ensino.

Para as melhorias da educação no campo, foi lançado o Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo) é um programa do governo Federal que tem como em seu propósito a melhoria das condições físicas e materiais em 30 mil escolas,

trazer água potável ao campo, saneamento e energia, implantando laboratórios de informática, facilitando assim o acesso da internet para os alunos do campo.

A escola do campo não tem estrutura para atender as necessidades da comunidade propondo um espaço desconfortável e pequeno, mas apesar de tantas dificuldades a escola do campo busca se inserir nas construções de suas políticas interinstitucionais, porém precisa de apoio das secretarias e ministérios. (LOPES, 2008).

Dentre elas o reconhecimento e o reconhecimento e a valorização da diversidade dos povos do campo, a formação diferenciada dos professores , a possibilidade de diferentes formas de organização da escola , a adequação dos conteúdos às peculiaridades locais , o uso de práticas pedagógicas contextualizadas , a gestão democrática , a consideração os tempos pedagógicos diferenciados , a promoção através da escola , do desenvolvimento sustentável do acesso aos bens econômicos , sociais e culturais . (HERIQUES et al, 2007, p. 17)

As escolas da zona rural, mostra para os alunos a importância do cultivo de plantar, de colher, dos benefícios que estes recursos trazem para as suas vidas, a educação vêm direcionar o aluno a uma visão diversificada no meio e espaço que vivem, a educação do campo provem da escola, da educação típicas, oriundas da cultura dos sujeitos do campo , que valorizem a identidade camponesa, a educação básica surge de propostas que devem estar ligadas a um projeto que seja popular de educação e desenvolvimento para o país . (LOPES, 2008)

A evasão escolar tem aumentado, principalmente entre crianças e adolescentes, o motivo desse problema é a falta de condições de material didático além de faltar o transporte escolar. O transporte escolar é uma obrigação de o estado disponibilizar, mas a sociedade também deve participar acompanhar, fiscalizando se tão tendo acesso a esse meio de locomoção, no entanto existem municípios que não tem transporte próprio, cabendo a eles a missão de solicitar transportes de outros municípios.

Conforme a lei 9394 / 96 art. 70, as despesas decorrentes com o transporte escolar é assegurado, é dever do Estado, o município deve se responsabilizar pela segurança dos alunos, os alunos tem seus direitos , que quase não são respeitados, e em um país que a corrupção e as coisas erradas andam juntos existe o descaso com o esquecimento do transporte escolar, e por essa questão os alunos vão se evadindo da escola. O transporte escolar é um direito dos cidadãos, todos merecem

educação para evoluir como seres humanos pensantes e autocríticos, com opiniões próprias e construtivas. (EMERICK, 2009)

O governo precisa pensar em novas estratégias, pois não basta qualificar profissionais e construir novas escolas rurais, ainda mais se a escola se encontra em regiões distintas, ocasionando a falta de transporte na escola do campo, e se caso o governo invista pouco chega essa verba até os municípios. O programa caminho da escola em 2007, pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), do ministério da educação, este programa tem como objetivo sempre estar renovando os veículos escolares e garantindo a segurança e a qualidade de transportar os estudantes, que precisem pegar transporte todos os dias. (BRASIL, 2011)

O transporte escolar corresponde ao serviço de transporte destinado a deslocar crianças ou jovens, que estejam regularmente matriculados nas escolas municipais ou estaduais, entre o seu local de residência e a escola na qual estuda, permitindo, assim que todos os alunos consigam chegar às unidades de ensino melhorando o acesso à educação. (LOPES et al, 2008, p. 75)

O transporte escolar é um apoio à educação, e é de suma importância um número maior desses veículos, pois são poucos e mal distribuídos pelos municípios, os municípios de contrapartida contratam transportes de terceiros, que no município são carentes, mas quem deve arcar com os gastos municipais é o governo, enquanto isso, sofrem os alunos com a ausência desse meio de transporte.

A educação é um direito de qualquer indivíduo, e para os alunos do campo a educação deveria ser mais facilitada, enquanto isso não acontece almejamos por novas políticas, que modifiquem e transforme essa nossa realidade. (LOPES, 2008)

Portanto, a educação do campo precisa incluir em seu projeto pedagógico uma reflexão cuidadosa e mais aprofundada sobre como acontecem na escola, aos processos de socialização, sua relação com os processos de conservação e de criação de culturas e com a formação dos novos sujeitos sociais do campo. É importante ainda esse repensar sobre o projeto pedagógico e que outros processos de socialização estão formando as novas gerações de trabalhadores e trabalhadoras, e que aspectos podem ser melhorados, pela intencionalidade pedagógica, com a perspectiva de um novo olhar para o seu desenvolvimento.

A luta pelos direitos sociais vem desde épocas passadas e ainda hoje prevalece, a educação do campo, e a Escola Iêda Maria Gomes Barbalho, luta pelos

direitos a educação dos seus alunos, visando sempre o comprometimento com o ensino de qualidade. Através de seus Projetos Políticos Pedagógicos buscando sempre o melhor para escola, esses projetos foram criados como objetivos de planejamentos para o funcionamento de uma escola, as escolas do campo sempre foram poucas, com infraestrutura inadequada, falta de recursos, e na comunidade de crepurizão existe apenas uma escola educacional, que também apresenta a falta de recursos, de materiais, de tecnologias, meios que ajudariam mais a educação dos alunos, pois é a escola que forma o sujeito.

Sem os alunos não existem escolas e ambos fazem um conjunto da educação, os pais precisam se inserir nesse conjunto, pois sempre foram ausentes e dificilmente participam das programações da escola. O índice de analfabetismo sempre foi muito grande, no campo o estudo sempre foi muito dificultoso, mas veio para suprir as necessidades da comunidade com intuito de facilitar o estudo dos filhos dos garimpeiros, que apesar de tantas dificuldades que a escola necessita, todos os dias desempenha o seu papel em educar os seus alunos. A mesma possui uma boa estrutura, porém falta mais investimento no âmbito escolar, a escola ganharia mais credibilidade e proporcionaria aos seus alunos uma educação com maior eficácia.

Não se trata de “inventar “ um ideário para a educação; isso não repercutiria na realidade concreta. O grande desafio é abstrair das experiências e dos debates, um conjunto de ideias que possam orientar o pensar sobre a prática de educação da classe trabalhadora do campo; e, sobretudo, que possam orientar e projetar outras práticas e políticas de educação. (CALDART, p. 2004)

No âmbito das políticas públicas para a educação do campo, existem inúmeros problemas que tem que ser resolvidos sem dúvida, como a exemplo disso a localização das escolas do campo, falta de recursos materiais, de transportes insuficientes, as estradas intrafegáveis, a organização curricular. A luta por uma educação do campo é a luta por construir novas propostas curriculares para as escolas rurais, e também a luta pela organização de processos de formação crítica e criativa, que forme a o cidadão com indivíduo ativo e reflexivo dos seus atos. (CALDART, 2004).

Desta forma, o desafio posto pelos movimentos sociais do campo tem sido pensar em uma educação do e no campo, em uma escola do e no campo, que visualize as mudanças sociais e consiga acompanhá-las, ao mesmo tempo em que

possibilite a formação de seus agentes e as crianças, jovens e adultos, vinculando o saber universal às experiências de vida dos educandos, para que se tornem sujeitos participativos, dialógicos, humanizados e capazes de estabelecer os alicerces de uma nova ordem social, como a sociedade exige.

2.4 PERFIL DO ALUNO DO CAMPO

É importante fazer uma distinção dos termos rurais e campo. A concepção de rural representa uma perspectiva política presente nos documentos oficiais, que historicamente fizeram referência aos povos do campo como pessoas que necessitam de assistência e proteção, na defesa de que o rural é o lugar do atraso. Trata-se do rural pensado a partir de uma lógica economicista, e não como um lugar de vida, de trabalho, de construção de significados, saberes e culturas.

Como consequência das contradições desse modelo de desenvolvimento, temos por um lado, a crise do emprego e a migração campo/cidade e, por outro a reação da população do campo que diante do processo de exclusão se organiza e luta por políticas públicas construindo alternativas de resistência econômica, política e cultural que também inclui iniciativas no campo da educação.

O que caracteriza os povos do campo é o jeito peculiar deles se relacionarem com a natureza, o trabalho na terra, a organização das atividades produtivas mediante a utilização da mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança, que valorizam as festas comunitárias e de celebração da colheita, o vínculo com uma rotina de trabalho que nem sempre segue o relógio mecânico. A identidade dos povos do campo comporta categorias sociais como posseiros bóias-frias, ribeirinhos, atingidos por barragens, assentados, acampados, arrendatários, pequenos proprietários.

Já a identidade sociocultural é dada pelo conceito de cultura. Schelling (1991) traz uma definição de cultura como práxis que pode ser útil à educação do campo. Para a autora, a capacidade do homem de se transformar e ser transformado são uma característica humana genérica (estruturar e ser estruturado) e essa capacidade encontra-se na base do conceito de cultura como práxis. É por meio da práxis:

(...) que o homem não só se adapta ao mundo, como também o transforma. Essa transformação ocorre em dois níveis: em primeiro lugar no nível da interação do homem com a natureza e como ser da natureza, modificando o

ambiente natural com o uso de ferramentas. Ocorre também no nível da consciência, da interação comunicativa entre os indivíduos e sua organização social (SCHELLING, 1991, p.32).

O entendimento do campo como um modo de vida social contribui para a auto-afirmação da identidade dos povos do campo, no sentido da valorização do seu trabalho, da sua história, do seu jeito de ser, dos seus conhecimentos, da sua relação com a natureza e como ser da natureza; valorização esta que deve se dar pelos próprios povos do campo, numa atitude de recriação da história.

Em síntese, o campo retrata uma diversidade sociocultural, que se dá a partir dos povos que nele habitam: assalariados rurais temporários, posseiros, meeiros, arrendatários, acampados, assentados, reassentados atingidos por barragens, pequenos proprietários, vileiros rurais, povos das florestas, etnias indígenas, comunidades negras rurais, quilombos, pescadores, ribeirinhos, e outros mais.

Mediante isto, entre estes, há os que estão vinculados a alguma forma de organização popular, outros não. São diferentes gerações, etnias, gêneros, crenças e diferentes modos de trabalhar, de viver, de se organizar, de resolver os problemas, de lutar, de ver o mundo e de resistir no campo.

Mediante isto, a educação no campo no confronto de projetos no enfrentamento de desafios e ações que podem vir a ser transformadas em políticas públicas de educação do campo. Isto porque os movimentos que lutam pelo acesso a educação no campo, já aprenderam que os direitos se realizam e se conquistam no espaço público, no confronto e pelos conflitos. E na educação não é diferente.

Geralmente encontramos entre os trabalhadores rurais brasileiros baixos indicadores socioeconômicos, como elevada natalidade, elevado analfabetismo, pequena qualificação profissional e baixa remuneração. Além disso, eles sofrem com a falta de cumprimento da Legislação trabalhista por parte de alguns patrões e o elevado número de acidente com ferramentas, como facões. Quanto mais distantes das principais cidades e capitais, mais tensas são as relações sociais no campo (ALMEIDA; RIGOLIN, 2002, p.410).

São os conhecimentos do mundo do trabalho no campo, das negociações em torno da produção, das necessidades básicas para a produção de determinados produtos, a organização dos trabalhadores em cooperativas; iniciativas na área da Agroecologia; organização das comunidades de pescadores. São grupos de resistência, que se recusam a inserir-se no modelo capitalista competitivo de produção e criam alternativas outras para manter o vínculo com o trabalho e vida no campo.

E, os conhecimentos do mundo da política, da participação ou da observação de como se dá a tomada de decisão por parte do poder público local ou nacional, e da organização que se faz necessária aos povos do campo, para que sobrevivam na lógica perversa que o mercado impõe àqueles que constituem força de trabalho e/ou vivem da produção em pequenas parcelas de terras.

Compreender a educação a partir da diversidade presente no campo, do modo de vida, implica em construir políticas públicas que assegurem o direito à igualdade com respeito às diferenças; implica a construção de uma política pública de educação na qual a formação de professores possa contemplar estes fundamentos.

3 DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO: ANÁLISE DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ITAITUBA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

Itaituba é um município do estado do Pará, no Brasil que fica localizada na região norte, com uma população estimada segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística) de 97.343 habitantes. A cidade é conhecida pela intensa atividade de mineração de ouro no vale do Tapajós e por sua grande diversidade de paisagens naturais, além de ser beneficiada com o grande rio Tapajós. (ALMEIDA, 2012).

O município vem crescendo por conta da implantação de portos graneiros e do complexo hidrelétrico do tapajós, o acesso a cidade pode ser feito por via aérea através do aeroporto de Itaituba, por rodovias como a BR -163 (Rodovia Cuiabá – Santarém) e BR -230 (Transamazônica) e pelo porto com o uso das embarcações.

Atualmente tem como prefeito o EXMº Valmir Climaco, com o mandato de 04 anos que visa administrar a cidade com o intuito de melhorias da mesma.

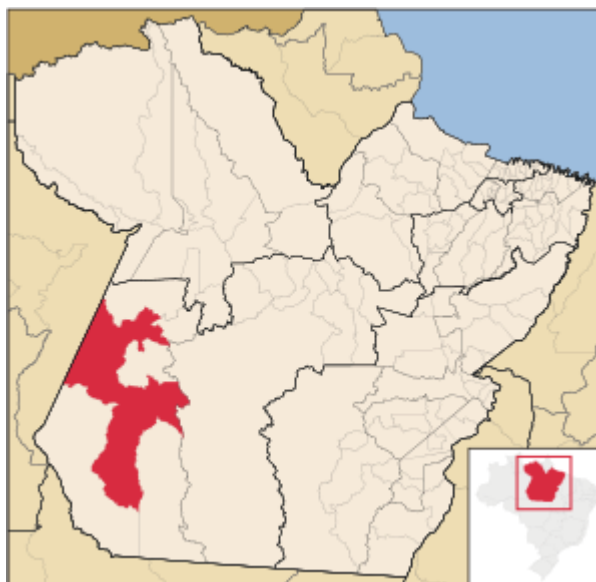


Foto 04 :Mapa de Itaituba-pa

Fonte : História do município de Itaituba : importância econômica e geopolítica na Amazônia legal na mesorregião do Tapajós e no Estado do Pará/ Almeida, Djalmira de Sá – Curitiba ,PR:CRV, 2012 .

Acesso 12/12/2018

A comunidade do Crepurizão faz parte do município de Itaituba e fica localizada as margens do rio Crepuri, a mesma possui uma população de aproximadamente 3.500 (três mil e quinhentos habitantes) na região garimpeira. Esta comunidade surgiu através da Caixa Econômica que fez a rodovia para acolher os garimpeiros que saíram da Serra- Pelada e vieram para o crepurizão e pra região, se fixando, mas a Caixa Econômica após fazer as estradas não teve credibilidade e abandonou a obra, então os garimpeiros foram chegando e se formou a comunidade.

A comunidade foi fundada em 1986, por Domingo Preto, primeiro presidente da comunidade, os moradores desta localidade são formados pelos garimpeiros que ainda tem como fonte de renda o ouro, extraído no garimpo, que é o que sustenta a comunidade. Na comunidade do Crepurizão–PA, atualmente existem muitas pessoas que moram lá em busca de melhores condições de vida para a família, que vive na cidade, no garimpo é um meio mais rápido de ganhar dinheiro, tem pessoas que ganham lavando roupa, cozinhando, vendendo mercadorias este é o meio de vida da comunidade garimpeira, o distrito dispõe de uma escola, uma pequena creche e um posto de saúde que atende aos garimpeiros.

A comunidade enfatiza que é bom viver no crepurizão, justificam que é tranquilo, tem menos vândalos e não tem assaltos, muitos deles usam joias e nem se preocupam de serem roubados, o que é bem diferente da cidade. O Sr. José Dalla Rosa um dos moradores mais antigo da comunidade, relatou que surgiu ao mesmo tempo que a comunidade e desde então sempre participou de tudo o que fosse relacionado a mesma, participou das associações cooperativas, das subprefeituras , participou do crescimento da comunidade, foi ele que buscou apoio para a implantação da primeira e única escola da comunidade, pois não tinha, a escola veio para suprir as necessidades dos filhos dos garimpeiros os mantendo a mais tempo na localidade, o Sr. Dalla Rosa sempre acreditou que daria certo o ensino, sempre lutou e luta, por tudo o que envolva a comunidade e hoje é considerado representante local .



Foto 05: Currutela e a pista do garimpo Crepurizão

Fonte: <https://docplayer.com.br/47422175-Tem-fofoca-na-currutela-nucleos-urbanizados-e-uso-da-terra-de-alta-floresta-mt-ao-crepurizao-pa-na-transgarimpeira.html> Acesso em 17/12/2018

A escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Iêda Maria Gomes Barbalho, está localizada na Avenida Gleison José da Costa, bairro Vale do Jenipapo, Municipalidade do Distrito de Crepurizão, no Município de Itaituba – PA. A referida escola é de médio porte e foi fundada na administração do EXM^o Prefeito Municipal Silvio Macedo, em 01 de abril de 1989 iniciou-se suas atividades. A escola Municipal Professora Iêda Maria Gomes Barbalho atende uma demanda de alunos do ensino fundamental do 1^o ao 8^o ano, oferecendo a sua clientela um ensino de qualidade.

A escola desde sua fundação passou por várias reformas e ampliações, para melhor atender as necessidades educativas da comunidade local, pois com o passar dos anos o número de alunos só aumentou. Possui (09) salas de aula, (1) sala de auditório de informática, (3) banheiros masculinos, (3) banheiros femininos, (1) banheiro para pessoas portadoras de necessidades especiais, bebedouro, refeitório, (1) cozinha, (1) sala para professores que também funciona como biblioteca e sala de recursos, (1) secretária (1) diretora e um depósito de merenda.

Ultimamente a escola conta com um quadro docente de (16) professores são efetivos, (2) vigias, (3) merendeiras que atende nos três turnos manhã, tarde e noite, (1) merendeira que atende o programa Mais Educação no contra turno, (3) auxiliares de serviços gerais, (1) auxiliar de serviços gerais que atende o Programa Mais Educação controlando a entrada e a saída dos alunos. Em suas modalidades de ensino atende o Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino e a noite atende o EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A escola ficou sob a direção da professora Kássia Patrícia Santos Salomão licenciada em Pedagogia Plena e pós-graduada em Gestão, Supervisão e Orientação

escolar. No período de agosto de 2013 a julho de 2017, a partir de Agosto de 2017 a professora Hellen Campos exerceu a função de diretora até dezembro de 2017. Atualmente a escola encontra-se sobre a administração da professora Núbia de Jesus Sousa Oliveira Maia, assumiu a direção da escola em janeiro de 2018 e sua gestão terá um período de dois anos.



Foto 06: EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho
Fonte: Acadêmica Sonayra de Paula e Silva Ferreira Acesso em 20/12/2018

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia desta pesquisa será fundamentada na abordagem qualitativa e busca compreender as dificuldades do ensino e do aprendizado dos alunos do 1º ao 8º ano do ensino fundamental, onde será feita uma análise dos mesmos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental no distrito do Crepurizão/Itaituba-Pará. Estará fundamentada em referências bibliográficas, com autores que abordam a investigada, como Juliatto (2007), Veiga (2002), Silva (2003) entre outros uma vez que será feito um levantamento teórico e haverá uma investigação a respeito. A pesquisa de campo, de cunho qualitativo faz-se necessário e pode empregar vários métodos e técnicas.

O método Qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados. A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, tendências de comportamento etc. (LAKATOS, 2010, p. 269)

A teoria qualitativa, é a teoria das leis experimentais que formula relações entre características que se observa, de quais experiência são determináveis, sendo de um objeto de estudo ou classe de fenômenos. Nesta investigação, há um mínimo de estrutura, e não se admitem regras, como problemas, hipóteses, variáveis e teorias aplicáveis, que serão aplicadas no decorrer da investigação.

O primeiro passo para se fazer uma pesquisa qualitativa é fazer a coleta de dados para assim poder elaborar a teoria de base, que são o conjunto de conceitos, princípios e significados. Possui na sua finalidade da pesquisa científica relatar o desenvolvimento de um caráter interpretativo no que se refere aos dados obtidos.

No estudo qualitativo o pesquisador tem a liberdade de escolha do método e da teoria que ele vai realizar no seu trabalho, sendo que o seu relatório deva ter consciência, objetividade, originalidade, confiabilidade e criatividade no momento em que coleta os dados. Um bom trabalho terá êxito quando é bem elaborado, pesquisado e trabalhado pelo pesquisador, ele tem que ser preciso naquilo que quer falar, tem que ter sentido, para sensibilizar ao leitor, que compreenda e interprete o que está sendo relatado. (LAKATOS, 2010)

A pesquisa de campo ocorreu no período Janeiro de 2019, que buscou-se compreender os desafios da Educação do Campo dos alunos do 1º ao 8º ano do ensino fundamental, onde será feita a análise dos mesmos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª. Iêda Maria Gomes Barbalho em Itaituba-Pará. esta investigação qualitativa, enfatiza:

A pesquisa qualitativa possui o poder de analisar os fenômenos com consideração de texto. Pesquisas que se apoiam em números correm o risco de se firmarem na exatidão fria da falta de contexto. Ao contrário, o método qualitativo que se baseia em objetivos classificatórios utiliza de maneira mais adequada os valores culturais e a capacidade de reflexão do indivíduo. (LEITE, p.100, 2008)

O estudo foi direcionado com as seguintes questões: : Por que ocorre uma diferenciação entre os conteúdos trabalhados na zona rural e na zona urbana na rede de ensino municipal de Itaituba/Pará? Quais fatores contribuem no processo de ensino e aprendizagem da educação no campo? Como ocorre o processo ensino aprendizagem na escola, cujas problemáticas tem como ponto de partida os desafios enfrentados na educação no Campo?.

Ademais, objetivou-se Verificar os desafios do processo ensino aprendizagem na escola; Identificar os principais desafios vivenciados pela instituição; apontar os desafios dos docentes com relação aos conteúdos trabalhados na escola do campo; compreender a diversidade que existe na educação rural e a contribuição no processo de ensino e aprendizagem dos alunos que vivem no campo. Para chegar aos resultados, além da investigação, ocorreu a coleta e a análise de dados, as propostas intervenientes e a conclusão.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para a realização desta pesquisa, foram necessárias entrevistas com quatro professores da escola investigada, sendo três do sexo feminino e um do sexo masculino. Os entrevistados do sexo feminino têm vinte e quatro, quarenta e seis e sessenta anos respectivamente: A primeira é graduada em língua portuguesa trabalha há dois anos na educação.

A segunda entrevistada é graduada em Pedagogia, com vinte anos de serviços na educação. Já trabalhou em outras instituições de ensino mais não mencionou quais escolas.

A terceira é graduada em Pedagogia com 30 anos de serviços na educação. Quanto ao professor entrevistado o mesmo tem trinta e cinco anos respectivamente, é graduado em Pedagogia e docência no magistério.

A comunidade é privilegiada por ter educadores formados, que muito contribui com a educação, e apesar de tantas dificuldades tanto da escola quanto dos educadores a educação ganha seu espaço, o educador quando vai para uma educação no campo, se depara com muitos desafios, principalmente do novo lugar que se adaptará, mais o docente enfrenta com garra e vontade, vencendo as barreiras e atuando como um bom profissional.

3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

Nas iniciativas pedagógicas em educação do campo, tem como meta buscar uma escolarização onde o processo ensino – aprendizado ocorra de maneira crítica - criativa. Esta pesquisa busca respostas para a questão abordada iniciou-se a pergunta sobre os desafios enfrentados no processo de aprendizagem na EMEF Iêda

Maria Gomes Barbalho, Crepurizão, em Itaituba- Pará. A questão inicial aborda os principais desafios enfrentados no processo de ensino aprendizagem.

Quadro 1- Para você, quais são os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem.

P1	Um dos maiores problemas enfrentados é a própria falta de interesse dos alunos e assim dificulta o ensino em sala de aula.
P2	Um dos fatores é a pouca participação da família nesse processo, em segundo lugar a indisciplina e falta de vontade de estudar dos alunos.
P3	Falta da família.
P4	É importante deixar claro que existem vários desafios, ou seja, a instituição não conta com uma quadra esportiva, brinquedoteca, biblioteca, técnico educacional com frequência a não ser a cada semestre.

FONTE: professores da EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho, Crepurizão- Itaituba- Pará/ 2019.

De acordo com a investigação sobre os desafios da educação do campo, os professores responderam que os alunos precisam ter mais interesse pelos estudos, o professor todos os dias lida em ministrar sua aula, e é muito desanimador para o docente quando tem alunos que vão só para matar o tempo, não querem estudar e ainda prejudicam a aula, a família tem que fazer presença na escola, isto ajudaria muito na educação dos seus filhos, a educação ganha êxito quando trabalhada em coletivo, não é só papel da escola o dever de ensinar, os pais tem que acompanhar e ajudar em casa essa criança.

Outro aborda que a escola não tem recursos e apoio técnico, por conta disso a instituição se limita no seu ensino. “Se a união entre família e instituição de ensino for firmada desde o início da vida escolar da criança, todos irão ganhar. O mesmo ressalta ainda que, se a criança estiver bem, e se precisar de ajuda para resolver seus problemas, receberá tanto da escola quanto dos pais para solucioná-los”. (TIBA, 2002, p. 28).

Para o ensino acontecer é claro que o maior interesse tem que vir do aluno, se ele quer logo aprende, mas existem alunos que não se interessam pelos estudos, prejudicando a si próprio, este seu comportamento frustra o professor que tenta ensinar. O professor lida com alunos de vários tipos, desde desinteressados, desmotivados, despreocupados, sem responsabilidades, uns simpáticos outros tímidos, distraídos, alunos com temperamentos fortes.

Reforçando essa colocação ROZEMBERG (2018), afirma que o educador deve instigar o interesse dos alunos e motivá-los, desde que respeitando as características de cada um, o docente precisa saber identificar, compreender e ajudar os seus alunos

quando tiverem dificuldades, pois alunos desmotivados contribuem para um rendimento escolar baixo, por isso tem que ser detectado o quanto antes esse problema pois assim os alunos serão direcionados a intervenção pedagógica.

Cada aluno tem uma competência e dificuldades por essa razão o educador deve escolher bem seus conteúdos de uma maneira que atenda às necessidades de cada aluno, na sala de aula o uso do celular contribui, motiva o aluno a aprender. A família tem que educar seus filhos, a educação vem de casa, a criança que não tem educação em casa, não tem educação em lugar algum, e fica difícil para escola educar os filhos dos outros, sendo que o dever da escola é o de ensinar, passar o conhecimento. (TIBA, 2002)

Assim, é importante que pais e educadores compartilhem informações de forma objetiva, podendo até mesmo elaborar juntos diferentes técnicas de aprendizado. Porém, existe um limite que deve ser respeitado: é dever da escola ensinar conteúdos específicos, enquanto aos pais cabem os ensinamentos sobre como agir e conviver em sociedade. A próxima questão investiga a organização do conteúdo e os desafios enfrentados em sala de aula.

Quadro 2 – Em relação a organização do conteúdo ministrado, quais são os desafios enfrentados em sala de aula?

P1	Muitos deles é o entender o aluno, tem que procurar diversificar os meios para que o aluno possa entender e aprender o conteúdo.
P2	Creio que os conteúdos não são problemas para o professor desenvolver um bom trabalho.
P3	Livro adequado a realidade da escola do campo.
P4	Os docentes não têm oportunidade em se reunir para fazer escolhas do livro didático e os livros disponíveis são insuficientes.

. **FONTE:** professores da EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho, Crepurizão- Itaituba- Pará/ 2019.

Observou-se que os professores, trabalham com metodologias diferenciadas enfatizando que a escola do campo deve ser trabalhada com o uso de livros didáticos, fáceis de compreensão e leitura e que retratam realidade da vida no campo.

A leitura de textos é muito importante, o aluno se interessa pelo que ler e quando neste livro há o contexto da sua origem, desperta ainda mais o que está escrito, é de suma importância evidenciar aos alunos a vida no campo, que o acesso à escolarização foi através de conquistas pelos camponeses e que por isso a educação do campo debate sobre a sociedade, cultura, produção do conhecimento e projetos de desenvolvimento. Prosseguindo a pesquisa, a questão que aborda os

desafios da aplicabilidade dos conteúdos, comparar à escola do campo e a escola da zona urbana.

Quadro 03 – Em relação a escola do campo e da zona urbana, os desafios sobre a aplicabilidade dos conteúdos são os mesmos?

P1	Não! Pois na zona urbana existem meios mais fáceis, para aplicação dos conteúdos através de visitas, palestras, pesquisas entre outros.
P2	Cada caso é diferente, sabe-se que existem escolas em que não há suporte técnico, as vezes não há equipamentos para o profissional.
P3	Não.
P4	Diferente, pois, alguma escola da zona rural não dispõe de mecanismos suficientes.

. **FONTE:** professores da EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho, Crepurizão- Itaituba- Pará/ 2019.

Percebeu-se, através das respostas dos entrevistados, que esta questão sobre os conteúdos da zona urbana e da zona rural são bem diferentes, pois na cidade existem os meios melhores para ensinar, sejam com o uso de materiais didáticos, tecnológicos, enquanto que na zona rural a poucos recursos.

A escola do campo compartilha pelos mesmos anseios que uma escola da cidade, mas deve-se entender que cada uma contenha suas particularidades distintas ou seja; cada uma trabalha de forma diferente, porém os conteúdos programáticos são repassados.

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002, p. 01).

Esta vinculação com a realidade do campo está presente nesta modalidade de educação desde a reivindicação dos movimentos sociais dos povos do campo, no início da década de 1990, por uma educação que atenda suas necessidades formativas, uma educação do e no campo, garantida por lei e efetivada na realidade.

Levando em conta que o currículo e conteúdo são os mesmos na escola do campo e da cidade, mas se faz necessário uma adaptação de uma realidade e uma necessidade dos alunos na escola rural, os conhecimentos colocados em sala de aula são importantíssimos, independente do lugar onde os alunos do campo estão inseridos, devem ser valorizados, não se pode desprezar o lugar na qual a escola está situada. Dando continuidade ao estudo, a pergunta que ressalta os desafios enfrentados na educação rural.

Quadro 04 – Quais os desafios enfrentados em relação a diversidade encontrada na educação rural e como o modelo educacional contribuem para aprendizagem dos alunos?

P1	A internet e o celular e principalmente o desinteresse dos alunos dentro da sala de aula.
P2	Na escola de Crepurizão a dificuldade maior é a distância da sede.
P3	A internet.
P4	Ausência familiar, entretanto, os educadores procuram compreender a realidade de cada discente e aprimoram metodologias inovadoras para os mesmos terem uma aprendizagem eficiente.

FONTE: professores da EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho, Crepurizão- Itaituba- Pará/ 2019.

Como pode se observar nessas respostas, a falta de internet é clara pois dificulta aos professores fazerem suas pesquisas, os alunos também são prejudicados, porque não exploram melhor seus trabalhos, a falta de tecnologia é indispensável e quando não existe atinge a todo o corpo docente.

Ainda, há a falta de interesse dos alunos em estudar, já não é fácil a educação no campo e quando não querem é mais difícil, os pais são ausentes da escola, eles têm que serem mais presentes na educação dos seus filhos, uma educação para a ser atingida em seu sentido amplo precisa ser aceita por todos.

Um primeiro desafio que temos é perceber qual educação está sendo oferecida ao meio rural e que concepção de educação está presente nesta oferta. Ter isto claro ajuda na forma de expressão e implementação de nossa proposta. A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas sobretudo deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz (ARROYO, 2004, p.23).

O grande desafio para educação do homem rural na atualidade é de refutar as teses conservadoras do sistema educacional vigente no Brasil, os pós e contras que são entraves burocráticos para autonomia de uma sociedade inclusiva para os brasileiros. Para mudar essa visão, precisamos encontrar o caminho da inclusão, do respeito às diferenças individuais.

A classificação de seres humanos como incapazes por residirem no setor rural tem sido apenas mais uma forma de discriminação renegando a essas pessoas a possibilidades de superar suas limitações. A próxima questão trata dos conteúdos da Zona rural e Urbana.

Quadro 05 – Por que ocorre uma diferenciação entre os conteúdos trabalhados na zona rural e na zona urbana na rede de ensino municipal de Itaituba – Pará?

P1	Porque para a zona urbana tem – se mais acesso a meios de trabalho e na zona rural é muito mais difícil as vezes pela distância da comunidade.
P2	Não vejo dessa forma, pois o conteúdo programático é o mesmo da zona urbana.
P3	Acredito que não ocorre diferenciação pois o conteúdo programático é o mesmo da zona urbana.
P4	É importante deixar claro que os conteúdos programáticos são os mesmos.

FONTE: professores da EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho, Crepurizão- Itaituba- Pará/ 2019.

Com relação ao trabalho dos professores, não tem diferenciação entre os conteúdos trabalhados na zona rural e na zona urbana, pois os conteúdos programáticos são os mesmos, porém o acesso aos meios de trabalho na zona rural é mais difícil pela distância da comunidade, mas mesmo assim os professores visam trabalhando, tentando ultrapassar as dificuldades para chegar no seu objetivo de atuar em sala de aula.

O principal desafio é o docente se adequar ao fazer os seus conteúdos, conforme a realidade, ele tem que se preparar para compreender e desenvolver uma outra linha pedagógica um conjunto de ações novas, outro pensamento de como ministrar suas aulas seus conteúdos, suas avaliações, faz-se toda uma adaptação, o que muda é a maneira que serão repassados pelo docente.

A finalidade da Educação do campo, para uma educação escolar, é especificar o conhecimento da vida, para a sociedade, respeitando a cultura do aluno, seu modo de interagir e socializar do campo. Dando prosseguimento à pesquisa, a pergunta sobre os fatores contribuintes no processo de ensino aprendizagem.

Quadro 06 – Quais fatores contribuem no processo de ensino e aprendizagem da educação no campo?

P1	A participação da família e o desempenho dos professores em sala de aula, para um melhor ensino e aprendizagem.
P2	O fator família é essencial, pois esse processo inicia na família e se estende para a escola, igreja.
P3	Os esforços dos professores e suas metodologias.
P4	O próprio educador, ou seja, os mesmos visam novas qualificações, apoio da gestão escolar e o uso da internet.

FONTE: professores da EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho, Crepurizão- Itaituba- Pará/ 2019.

Mediante as respostas dos professores em relação aos fatores contribuintes no processo de ensino e aprendizado da educação do campo, eles priorizam muito a participação da família na escola, dos pais, pois a família é a base e a escola o ensino, os professores não medem esforços ao ensinar, usar suas metodologias, se qualificando a cada dia para oferecer um bom ensino.

OS PNES asseguram que ““(…) a oferta do ensino fundamental precisa chegar a todos os recantos do País e a ampliação da oferta das quatro séries regulares em substituição às classes isoladas unidocentes é meta a ser perseguida considerada as peculiaridades regionais e a sazonalidade.”

Portanto, O que se pretende atualmente é uma educação que seja no e do campo; estudar em uma escola no campo é ser educado no lugar onde se vive e, principalmente, a uma escola do campo que representa uma proposta de construção de uma pedagogia, tomando como referência as diferentes experiências dos seus sujeitos: os povos do campo. A próxima questão, investiga como ocorre o processo de ensino aprendizagem na escola pesquisada.

Quadro 07 – Como ocorre o processo ensino aprendizagem na Escola Municipal Iêda Maria Gomes Barbalho, localizada no distrito de crepurização em Itaituba – PA?

P1	Ele ocorre através de algumas estratégias elaborada pelos professores, tanto em grupos como individual através de apresentações, danças, pesquisas entre outros.
P2	A educação é um processo que se constrói através das aulas ministradas dos eventos culturais, palestras, feiras multidisciplinares, jogos e brincadeiras que estimule e integre os alunos nesse processo.
P3	Através das avaliações e dos trabalhos.
P4	Através de metodologias diversificadas, portanto os educadores trabalham em conjunto visando ensino de qualidade.

. **FONTE:** professores da EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho, Crepurização- Itaituba- Pará/ 2019.

De acordo com as respostas obtidas pelos professores, eles avaliam o ensino de várias formas, às vezes trabalham em conjunto outras vezes não, consideram que é válido o processo de ensino e aprendizado, quando os alunos são submetidos a eventualidades aprendem mais, interagem uns com os outros e exploram seus conhecimentos. Os alunos precisam de metodologias diferentes que desperte seu intelecto, pensar, calcular são meios de usar bem a mente e os docentes devem avaliar também a capacidade de aprendizado de cada aluno.

Assim, é possível afirmar que a identidade da Educação do Campo deve ser construída a partir de uma cultura produzida por relações mediadas pelo trabalho, no sentido de produção material e cultural da existência humana.

(...) desde o momento em que um homem teve necessidade do auxílio de outro, desde que se apercebeu de que seria útil a um só indivíduo contar com provisões para dois, desapareceu a igualdade, a propriedade se introduziu, o trabalho se tornou necessário e vastas florestas, se transformaram em campos aprazíveis, que foi preciso regar com o suor dos homens e, nos quais, viu-se logo a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas. (Rousseau, 1997, p. 94)

A escola vai além de um local de produção e socialização do conhecimento, sendo também espaço de convívio social, onde acontecem reuniões, festas, celebrações religiosas, atividades comunitárias - como bazar, vacinação, etc., possibilitando articulação da comunidade, potencializando a permanente construção de uma identidade cultural, possibilitando especialmente a elaboração de novos conhecimentos. Sem deixar de falar, que evita o desgaste provocado pelas grandes distâncias e pelo transporte de baixa qualidade.

Enfim, trazer a educação do campo para o debate no âmbito das políticas educacionais, da formação de professores, da prática pedagógica nas escolas é reconhecer a existência de um modo de vida que tem sido frequentemente desvalorizado na sociedade brasileira e do quais muitos de nós fazemos parte.

3.5 PROPOSTAS DE INTERVENIÊNCIAS

Mediante o resultado da investigação, foi imprescindível sugestões para facilitar o trabalho do professor para que o ensino aprendizagem seja eficaz na escola.

- 1- Elaborar projetos para desenvolver junto com a comunidade, valorizando a escola no contexto comunitário.
- 2- Construir coletivamente, oficinas pedagógicas para diversificar a metodologia na escola.
- 3- Promover eventos cívicos e sociais, envolvendo os pais no ambiente escolar.
- 4- Trabalhar na adaptação curricular, para um melhor trabalho pedagógico e possível ensino aprendido mais eficiente.

Mediante as propostas sugeridas, a escola deve buscar sempre desenvolver princípios de liberdade, solidariedade humana, ministrando um ensino que atenda aos seguintes princípios de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola com suas pluralidade de ideias; e a garantia de padrão de qualidade, direcionados para quem vive sua realidade, distantes dos centros urbanos e têm sua cultura própria diferenciada.

CONCLUSÃO

De acordo com o resultado da pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Iêda Maria Gomes Barbalho em Itaituba – Pará, no período de dezembro de 2018, percebeu-se que existem dificuldades no ensino de aprendizagem da escola do campo, como também de ser utilizadas metodologias para que o professor trabalhe de maneira fácil em sala de aula.

Esse estudo possibilitou um melhor entendimento sobre os desafios encontrados na escola por professores e no ambiente escolar, que visam buscar sempre se qualificar, inovando, acompanhando as mudanças da educação, com metodologias dinâmicas para que seus alunos absorvam o aprendizado no seu dia-a-dia.

Desta forma, foi possível compreender que a escola enfrenta muitas barreiras e problemas em relação ao ensino e aprendizado da educação do campo, devido a fatores, um deles seria a falta de investimento do governo para construir escolas novas e adequadas, e disponibilizar os recursos necessários para a escola, mas enquanto isso não acontece, a mesma oferece o que usufrui e apesar de tantas dificuldades atua na educação, formando seus alunos.

Percebeu-se que os pais são ausentes da escola, é necessário se fazerem presentes no âmbito escolar e na vida de seus filhos, que os professores utilizam metodologias diferenciadas e fazem pesquisas e leituras, isto muito contribui com o docente, que busca conhecimento, informações que o prepara para ministrar suas aulas e avaliações de forma proveitosa. A escola dispõe de uma estrutura adequada para atender as demandas, como toda instituição há momentos que se necessita de apoio pedagógico e psicológico para acompanhar o aprendizado do aluno.

Considerando que não deve haver comodismo por parte da escola, ainda porque a sociedade muda com o passar do tempo e é importante que a escola e os órgãos competentes devam acompanhar e promover essas transformações que vem acontecendo, intervindo, se fazendo presentes e elaborando projetos pedagógicos que atendam às necessidades dos alunos que estão inseridos nas instituições.

Enfim, a escola deve proporcionar aos seus alunos, situações que promovam experiências novas na qual faça significado em sua vida, os alunos precisam se sentir motivados em aprender e contribuir com seu aprendizado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lúcia Marina Alves; Rigolin, Tércio Barbosa. **Geografia**. São Paulo: Ática, 2.002.
- ALMEIDA , Djalмира de Sá – **História do município de Itaituba : importância econômica e geopolítica na Amazônia legal , na mesorregião do Tapajós e no Estado do Pará /** , 1 ed.- Curitiba , PR:CRV , 2012 .
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da instrução pública no Brasil, 1500 a 1889**. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.
- ARROYO, Miguel Gonzales. **Imagens quebradas** Petrópolis: Vozes, 2004.
- ARROYO, Roseli Salete Caldart, Mônica Castagna Molina (organizadores) – **Por uma educação do campo**, 5.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues – **Casa de Escola: cultura camponesa e educação rural** - 2 ed.- Campinas: Papyrus, 1984.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil** de 1988.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. CNE/CEB Resolução CNE/CEB nº 01, de 03 de abril de 2002. Brasília, 2002.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do Adolescente (1990)**. Lei nº 8069/1990.8ed- Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.
- Caldart, Roseli Salete – **Pedagogia do Movimento Sem – Terra**, São Paulo, Expressão Popular, 2004.
- CAMPOS, Casemiro de Medeiros –**Saberes docentes e autonomia dos professores** /6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CONTAG. **Educação do Campo: dimensão educativa da luta sindical e práticas pedagógicas na educação do campo**. Brasília, DF, 2011. > Acesso em 28/04/2018.
- ELSEVIER, Fernando Veloso –**Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro**, Rio de Janeiro, 2009.
- EMERICK G.D – **A educação para as populações rurais brasileiras no contexto da descentralização do ensino e da Universalização do ensino Fundamental**. Revista de Pós-Graduação em Ciência Política, 2009.
- EBY, Frederick. **História da educação moderna**. Porto Alegre: Globo, 1962. Enciclopédia Itaú Cultural. Artes Visuais.
- G1. globo.com / ...**alunos –da –zona –rural –enfrentam –dificuldades –para –ir –escola –no –ac**. ht. Acesso em 15/06/2018.

GHEDIN Evandro- **Educação do Campo: epistemologia e práticas**, 1 ed. – São Paulo: Cortez 2012.

GILES, Thomas Ranson – **História da Educação** /EPU, São Paulo ,1987.

HAGE, Salomão Antônio Mofarrej; CRUZ, Carlos Renilton, artigo: **Movimento de Educação do Campo na Amazônia paraense: Ações e Reflexões que articulam Protagonismo, Precarização e Regulação**. UFPA, UFSC- Florianópolis, 2015.

HIPÓLIDE, Márcia Cristina – **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: metodologias e conceito**, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

JULIATTO, Clemente Ivo – **Parceiros educadores e dirigentes**/Curitiba: Champagnat, 2007.

J.REIS – **Instituição Brasileira de Difusão Cultural** S.A pça D. José gaspar, 134 – 8ªed.and c/ 83, S.P.1968

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica** -5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEITE, Francisco Tarciso- **Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros** SP. Ideias Letras,2008.

LOPES, E.P., Câmara, M.T.; Monteiro, T. - **Transporte Escolar como instrumento de viabilização do acesso à educação: o que estabelecem as leis? Texto para discussão**. Centro de Formação em Recursos Humanos de Transportes (Ceftru). Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2008.

MOLINA Mônica Castagna apud JESUS Sonia Meire Santos Azevedo de (organizadoras) –**Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo**, Brasília DF, 2004.

OLIVEIRA, Leidiane Pereira de – **Uma Relação Tão Delicada: A participação da Família no Processo de Aprendizagem de Crianças do Ensino Fundamental de 1º a 4º série e Classes de Alfabetização**. Belém – PA, 2001

PAIVA, Vanilda. **Um Século de Educação Republicana**. Campinas: Revista Pro-Posições: Cortez Editora/Unicamp. Nº2/julho/1990.

PASSADOR, Cláudia Souza – **A Educação rural no Brasil: o caso da Escola de Campo no Paraná**, São Paulo: Annablume, 2006.

QUEIROZ, Maurício. Vinhas de: **Uma garganta e Alguns Níqueis**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1947.

ROCHA, Maria Isabel Antunes & Martins Aracy Alves (Org.). **Educação do campo: desafios para a formação de professores**. 2.ed.-Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ROCHA, Eliene Novaes / Gonçalves José Wilson Souza (organizadores) – **Educação do Campo: dimensão educativa da luta sindical e práticas pedagógicas na educação do campo**-Brasília, DF: Contag, 2011.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira – **História da Educação no Brasil:(1930-1973)** /31º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ROUSSEAU, J.J. **Rousseau**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. v. 2. (Os pensadores)

SANTOS, Clarice Aparecida Dos –**Educação do Campo –Políticas Públicas – Educação**, Brasília: Ingra MDA, 2008.

SILVA, L.H; Moraes, T, Bof, A. **As experiências de Formação de Jovens do Campo: alternância ou alternâncias**. Viçosa Editora UFV, 2003.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação do Campo: propostas e práticas pedagógicas do MST**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

TIBA, Içami – **Quem Ama Cuida**. São Paulo: Gente, 2002.

VEIGA, Ilma. (Org.) – **Projeto Político Pedagógico da escola: Uma construção possível**, 24º Ed. São Paulo: Papirus Editora, 2002.

ZOTTI, Solange Aparecida –**Sociedade, Educação e Currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980**/Editora Plano, 2004.

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA.
FACULDADE DE ITAITUBA- FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**TEMA: DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO: análise de uma escola do
município de Itaituba/PA.**

ACADÊMICA: SONAYRA DE PAULA E SILVA FERREIRA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu _____ autorizo o uso
da minha imagem e das informações prestadas nesta pesquisa de trabalho de
conclusão de curso.

_____/_____/_____

Itaituba – Pará, 2018.



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA.
FACULDADE DE ITAITUBA- FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**TEMA: DESAFIOS DA ESCOLA DO CAMPO: análise de uma escola do
município de Itaituba/PA.**

ACADÊMICA: SONAYRA DE PAULA E SILVA FERREIRA

Roteiro da entrevista:

Dados pessoais:

a) Nome: _____

b) Data de Nascimento: _____

c) Local de Nascimento: _____

d) Escolaridade: _____

e) Função na escola: _____

1) Para você, quais são os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem na EMEF Iêda Maria Gomes Barbalho?

2) Em relação a organização do conteúdo ministrado, quais são os desafios enfrentados em sala de aula?

3) Em relação a escola do campo e da zona urbana, os desafios sobre a aplicabilidade dos conteúdos são os mesmos?

4) Quais os desafios enfrentados em relação a diversidade encontrada na educação rural e como o modelo educacional rural contribuem para aprendizagem dos alunos?

5) Porque ocorre uma diferenciação entre os conteúdos trabalhados na zona rural e na zona urbana na rede de ensino municipal de Itaituba/PA?

6) Quais fatores contribuem no processo de ensino e aprendizagem da educação no campo?

7) Como ocorre o processo ensino aprendizagem na Escola Municipal Iêda Maria Gomes Barbalho, localizada no Distrito de Crepurizão em Itaituba- PA?

Obrigada!